



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

LIGIA SANTOS DE OLIVEIRA

**A INSERÇÃO DO/A ARQUIVISTA NO MERCADO DE TRABALHO: REALIDADE
DOS/AS EGRESSOS/AS DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS NA CIDADE DE JOÃO
PESSOA**

João Pessoa - PB

2015

LIGIA SANTOS DE OLIVEIRA

**A INSERÇÃO DO/A ARQUIVISTA NO MERCADO DE TRABALHO: REALIDADE
DOS/AS EGRESSOS/AS DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS NA CIDADE DE JOÃO
PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Arquivologia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Arquivologia.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves

João Pessoa - PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48i Oliveira, Lígia Santos de.

A inserção do/a arquivista no mercado de trabalho: realidade dos/as egressos/as das universidades públicas na cidade de João Pessoa. / Lígia Santos de Oliveira. – João Pessoa: UFPB, 2015.

80f.:il

Orientador (a): Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves.

Monografia (Graduação em Arquivologia) – UFPB/CCSA.

1. Cursos de Arquivologia. 2. Arquivistas. 3. Mercado de Trabalho. I.
Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU (2. ed.): 930.25(043.2)

LIGIA SANTOS DE OLIVEIRA

**A INSERÇÃO DO/A ARQUIVISTA NO MERCADO DE TRABALHO: REALIDADE
DOS/AS EGRESSOS/AS DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS NA CIDADE DE JOÃO
PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Graduação em Arquivologia do Centro de Ciências
Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharela em Arquivologia.

Aprovada em: 10 / 02 / 2015.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves
(Orientador - UFPB)



Prof.ª Dr.ª Gisele Rocha Côrtes
(Examinadora - UFPB)



Prof.ª Dr.ª Rosa Zuleide Lima de Brito
(Examinadora - UFPB)

À minha querida mãe pelo incentivo diário,
por toda a paciência, amor e compreensão a
mim destinados, por acreditar que eu
conseguiria.

Dedico!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me fortalecido todas as vezes que tive vontade de desistir, dando-me a inspiração necessária para continuar minha caminhada, superando todos os percalços que surgiram.

À minha mãe, Roselane de Lourdes, por ter me apoiado em todos os momentos, por não ter medido esforços para me proporcionar uma boa educação, por ter me ajudado através de sábios conselhos a fechar este primeiro ciclo de muitos outros que ainda estão por vir.

À minha irmã, Leilane Santos, por assistir filmes e jogar videogame comigo até tarde, nos momentos em que precisei me distrair, relaxar.

À Ana Córdula, pela amizade inicialmente construída em sala de aula, que transcendeu à academia. Pelas discussões produtivas, pelas opiniões muitas vezes contrárias, mas enriquecedoras.

À Camila Augusta, por atender meus telefonemas até nas horas mais inconvenientes, me ouvindo pacientemente todas as vezes em que precisei desabafar.

Aos professores **Carlos Xavier**, Rosa Zuleide, Julianne Teixeira, Emeide Duarte, Geysa Flávia, Gisele Côrtes, Genoveva Batista, Meriane Vieira, Luciana Costa, Marckson Sousa, Adolfo Júlio, **Luiz Medeiros**, Maria Vitória Lima, Alba Lígia, Gustavo Freire, Bernardina Freire, Wagner Junqueira, Clézio Amorim, Patrícia Silva, Isa Freire, e em especial ao meu Orientador, **Edvaldo Carvalho Alves**, por todo conhecimento disseminado.

À coordenação de Arquivologia da UFPB por estar sempre a postos para auxiliar os discentes no que for preciso.

À coordenação de Arquivologia da UEPB por ter disponibilizado às informações necessárias para que eu conduzisse minha pesquisa.

"Os profissionais da informação precisam, cada vez mais, ter uma formação que permita atender uma determinada demanda social. No entanto, só a formação também não resolve a questão, ou seja, para que os profissionais da informação ocupem os espaços a eles destinados no mercado de trabalho, é necessário que a formação defina um perfil de profissional que deseja, e tão importante quanto à formação, é que haja ações que divulguem o profissional para o mercado empregador."

VALENTIM (2002, p. 118).

RESUMO

O presente estudo propõe traçar o perfil dos egressos dos cursos de Arquivologia no âmbito das Universidades Estadual e Federal da Paraíba, tendo como objetivo especificar onde e como esses profissionais encontram-se inseridos no mercado de trabalho. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa fundamentou-se numa perspectiva quanti-qualitativa, utilizando-se de recursos estatísticos para expressar percentualmente os delineamentos relacionados a seu perfil, e qualitativamente, através da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, trazendo categorias de análise no âmbito de três eixos principais: *os motivos para a escolha do curso, satisfação com a profissão e as dificuldades encontradas por esses profissionais para ingressarem no mercado de trabalho*. Os resultados da pesquisa apontaram que esses profissionais são em sua maioria do sexo feminino e que sua inserção no mercado de trabalho tem se dado mais frequentemente no seio das instituições públicas. Foi demonstrando ainda, no que tange a algumas dificuldades encontradas para esta inserção, a divulgação deficiente do curso, a invasão de profissionais de outras áreas em seu campo de trabalho e a ausência de entidades representativas.

Palavras-chave: Cursos de Arquivologia. Arquivistas. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

The present study is proposed to describe the profile of the graduates of Archival Course in the Federal University of Paraíba and in the State University of Paraíba. The aim is to specify where and how these professionals are inserted in the labor market. The methodology was based on a qualitative and quantitative perspective, using statistical resources to express, by percentage, the outlining related to their profile. Quantitatively, the research adopted the Content Analysis proposed by Laurence Bardin, presenting categories of analysis in the ambit of three main themes: *the motifs for the selection of course*, *satisfaction with the profession*, and *the difficulties faced by these professionals to be inserted in the labor market*. The results appointed that most of these professionals are from the feminine sex, and their insertion in the labor market is frequently being done in the ambit of public institutions. It was also demonstrated, in relation to some difficulties that were found in their insertion in the labor market, a poor divulgation of the Archival Course, the invasion of professionals from other areas in its work field and the absence of representative entities.

Keywords: Archival Course. Archivists. Labor Market.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gênero dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB	39
Gráfico 2: Faixa etária dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB	40
Gráfico 3: Auto-designação de cor e etnia dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB	40
Gráfico 4: Estado civil dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB	41
Gráfico 5: Origem do ensino médio dos egressos de Arquivologia da UEPB e UFPB	42
Gráfico 6: Naturalidade dos egressos de Arquivologia da UEPB	42
Gráfico 7: Estado de nascimento dos egressos de Arquivologia da UFPB	43
Gráfico 8: Ano de ingresso dos egressos do curso de Arquivologia da UEPB	43
Gráfico 9: Ano de ingresso dos egressos do curso de Arquivologia da UFPB	44
Gráfico 10: Ano de conclusão de curso dos egressos de Arquivologia da UEPB.....	44
Gráfico 11: Ano de conclusão de curso dos egressos de Arquivologia da UFPB.....	45
Gráfico 12: Egressos de Arquivologia da UEPB e UFPB que trabalhavam durante o curso	45
Gráfico 13: Grau acadêmico atual dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB ..	46
Gráfico 14: Intervalo entre a formação e o ingresso no mercado de trabalho de Arquivologia dos egressos da UEPB.....	47
Gráfico 15: Intervalo entre a formação e o ingresso no mercado de trabalho de Arquivologia dos egressos da UFPB	47
Gráfico 16: Situação de trabalho atual dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB	48
Gráfico 17: Atual setor de trabalho dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB	48
Gráfico 18: Cargo ocupado atualmente pelos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB	49
Gráfico 19: Renda atual dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB	50
Gráfico 20: Estado onde os egressos do curso de Arquivologia da UEPB residem atualmente	50
Gráfico 21: Estado onde os egressos do curso de Arquivologia da UFPB residem atualmente	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorização das qualidades do perfil do Arquivista	27
Quadro 2: Dos anos iniciais às Universidades que ofertam o Curso de Arquivologia.....	32
Quadro 3: Quantidade de egressos por ano dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB	37
Quadro 4: Razões dos egressos da UEPB e UFPB para escolha do curso	55
Quadro 5: Satisfação dos egressos da UEPB e UFPB.....	61
Quadro 6: Insatisfação dos egressos da UEPB e UFPB	64
Quadro 7: Dificuldades enfrentadas pelos egressos da UEPB e UFPB	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem do questionário online enviado aos egressos de Arquivologia da UEPB e UFPB	79
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 OBJETIVOS	17
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
1.3 CAMPO EMPÍRICO E SUJEITOS DA PESQUISA.....	19
1.4 INSTRUMENTOS, TÉCNICAS E MÉTODOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS....	19
2 O CONCEITO DE PROFISSÃO E A PROFISSÃO DE ARQUIVISTA	21
2.1 O CONCEITO DE PROFISSÃO	21
2.2 O PROFISSIONAL ARQUIVISTA	22
3 O MERCADO DE TRABALHO DO ARQUIVISTA.....	26
4 OS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA	31
4.1 NO BRASIL.....	31
4.2 NA PARAÍBA	33
4.2.1 Na UEPB	33
4.2.2 Na UFPB	34
5 TRAÇANDO OS PERFIS DOS ARQUIVISTAS EGRESSOS DA UEPB E UFPB.....	37
5.1 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	38
6 SEGUNDA ETAPA DA METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	53
6.1 RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	55
6.1.1 SOBRE OS MOTIVOS DOS EGRESSOS PARA A ESCOLHA DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA	55
6.1.2 CATEGORIA MOTIVAÇÃO	59
6.2 SOBRE A SATISFAÇÃO DOS EGRESSOS A RESPEITO DA PROFISSÃO DE ARQUIVISTA.....	61
6.2.1 CATEGORIA SATISFEITOS	63
6.3 SOBRE A INSATISFAÇÃO DOS EGRESSOS A RESPEITO DA PROFISSÃO DE ARQUIVISTA.....	64
6.3.1 CATEGORIA INSATISFEITOS	64

6.4 SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS EGRESSOS PARA INGRESSAREM NO MERCADO DE TRABALHO	65
6.4.1 CATEGORIA DIFICULDADES	68
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EGRESSOS DA UEPB E UFPB	79

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

A temática do presente trabalho surgiu a partir de nosso ingresso em 2010 no curso de Arquivologia ofertado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nosso encantamento pela área foi aumentando à medida que fomos percebendo o quão abrangente é a Arquivologia, que segundo Cavalcanti e Cunha (2008, p.30-31), trata-se de uma disciplina que objetiva o conhecimento dos arquivos, dos princípios e técnicas que permeiam sua constituição, organização, desenvolvimento e utilização. A Arquivística, por sua vez, de acordo com os mesmos autores, (2008, p. 24) é constituída por princípios e técnicas a serem seguidas na formação, organização, gerenciamento, desenvolvimento e utilização dos arquivos, incluindo aspectos legais e de regulamentação, que compreende tanto os arquivos quanto a sua administração. Em outras palavras, é uma área que se preocupa em resguardar a memória da sociedade, desenvolvendo técnicas de organização documental visando à rápida recuperação e disseminação das informações que se encontram armazenadas em variados suportes, de modo a atender e suprir as necessidades informacionais apresentadas por todo e qualquer usuário.

Em contrapartida, uma inquietação passou a nos acompanhar, a de querermos perceber o mercado de trabalho para esses profissionais. Os questionamentos foram surgindo e continuaram nos incomodando ao longo da graduação, quando vimos no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a oportunidade de buscarmos as respostas. Diante disso surgiram os seguintes questionamentos: quem são e onde estão os Arquivistas que concluíram o curso nas Universidades Públicas da cidade de João Pessoa? Estes Arquivistas conseguiram uma colocação no mercado de trabalho em sua área de formação, tendo em vista, se tratar de um curso relativamente novo em nosso estado? Ocupam um lugar no setor público ou privado? Encontraram dificuldades para conquistarem seus espaços profissionais? Quais foram?

A julgar que tais questões podem vir a inquietar muitos estudantes de Arquivologia, como também os profissionais recém-formados, este trabalho se justifica por buscar perceber como se encontra o ingresso dos Arquivistas formados pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e pela UFPB no mercado de trabalho. Os resultados obtidos com este estudo poderão trazer um panorama da realidade do mercado de trabalho para esses profissionais, bem como, apontar as possíveis barreiras existentes para sua efetiva inserção. Também poderão vir a reforçar a necessidade da quebra do paradigma de que Bibliotecário é Arquivista ou que o Arquivista não passa de um assistente administrativo. A partir de então podem ser

viabilizados outros estudos que trabalhem esta temática como forma de trazer uma maior visibilidade para este profissional na sociedade.

Diante do exposto, veremos a seguir os objetivos traçados que nortearam a prática da pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

- Geral
 - Mapear a trajetória profissional dos egressos dos cursos de Arquivologia da Universidade Estadual Federal da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
- Específicos
 - Traçar o perfil dos profissionais formados na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal Paraíba (UFPB) no período de 2009 a 2014.
 - Especificar onde e como se encontram inseridos estes profissionais no mercado de trabalho.
 - Levantar as dificuldades encontradas por estes profissionais ao ingressarem no mercado de trabalho.

Ressaltamos que este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: na introdução apresentamos a temática que norteia a pesquisa, trazendo os objetivos, a justificativa e a metodologia utilizada; no segundo capítulo, alguns conceitos de profissão e a configuração profissional do Arquivista; no terceiro capítulo, o mercado de trabalho do Arquivista evidenciando seu campo de atuação; no quarto capítulo, os cursos de Arquivologia do Brasil e da Paraíba; no quinto capítulo, a análise dos dados, traçando os perfis dos egressos da UEPB e UFPB; no sexto capítulo, a percepção dos egressos sobre: razões para escolha do curso, satisfação com a profissão escolhida, e as barreiras enfrentadas para seu ingresso no mercado de trabalho da área; o sétimo capítulo destinamos às considerações finais.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Marconi e Lakatos (2009, p. 43), a pesquisa é tida como um procedimento formal aliada ao método de pensamento reflexivo, que por sua vez, exige um tratamento científico e vai trilhando o caminho para se descobrir a realidade ou para conhecer verdades parciais. Em outras palavras, é muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar as respostas para questões levantadas, utilizando métodos científicos.

O trabalho em questão foi construído através de uma abordagem de origem quanti-qualitativa, pois ao mesmo tempo em que quantifica as variáveis levantadas utilizando-se de meios estatísticos, também busca compreender através dos discursos dos atores envolvidos, o significado que cada um atribui àquilo que está sendo questionado, ou seja, aspectos mais profundos como ideias, percepções, sentimentos, que compõe a realidade social de cada um.

Para sua realização adotamos três etapas: a primeira delas configurou-se na construção do embasamento teórico através da pesquisa bibliográfica, que segundo Severino (2007, p. 122), é a que se realiza através de registros oriundos de pesquisas anteriormente realizadas, tais como: documentos impressos, livros, artigos, teses, etc. São utilizados dados ou categorias teóricas que já foram trabalhados e registrados por outros autores. Os textos acabam se tornando fontes dos temas que serão pesquisados, ou seja, o pesquisador trabalha partindo das contribuições dos autores com estudos analíticos constantes no material levantado.

No caso da segunda etapa, esta foi pautada em uma pesquisa de campo, onde primeiramente foi construído um instrumento de avaliação – questionário (Apêndice A), aplicado aos Arquivistas formados pela UEPB e UFPB, que de acordo com Gil (2006), trata-se de uma técnica de investigação formada por um conjunto de questões que são aplicadas em pessoas com o intuito de obter informações acerca de conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, situações vivenciadas. Em seguida, demos início a terceira e última etapa, que foi a análise dos dados obtidos.

1.3 CAMPO EMPÍRICO E SUJEITOS DA PESQUISA

Como campo empírico da pesquisa, delimitou-se os cursos de Arquivologia da UEPB - campus V e da UFPB - campus I. E como sujeitos, os egressos dos respectivos cursos formados no período de 2009 a 2014.¹

O acesso a estes profissionais deu-se através de solicitação às coordenações dos cursos de uma lista com os dados de contato dos egressos do período estudado, contatando-os, em seguida, em suas respectivas páginas na rede social eletrônica Facebook®.

1.4 INSTRUMENTOS, TÉCNICAS E MÉTODOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Como instrumento de coleta de dados, por se tratar de uma pesquisa de caráter quanti-qualitativa, utilizou-se um questionário misto, com perguntas abertas e fechadas, construído através do aplicativo web Google Drive®, cujo link de acesso foi enviado às páginas pessoais de cada um no Facebook® ou por e-mail quando necessário.

Para a análise/interpretação, por se tratar de uma pesquisa de natureza mista, foram utilizados para os dados quantitativos, representados pelas perguntas fechadas, os recursos estatísticos básicos expressos em gráficos e, para os dados qualitativos expressos em quadros, a técnica de categorização presente no método de análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (2011), que têm seu alicerce na construção de categorias analíticas a partir dos conteúdos das falas dos atores, sendo abordada de forma detalhada no *sexto capítulo*. Sobre essa técnica Severino (2007, p. 121) nos traz que se ocupa em analisar as informações presentes em documentos, sob a forma de discursos proferidos em diversas linguagens: escritos, orais, imagens, gestos. Trata-se de perceber criticamente o sentido evidente ou oculto presente nas comunicações. (Ver p. 51).

¹Justificativa para o recorte: o curso de Arquivologia da UEPB é o precursor da Arquivologia da Paraíba, tendo seus primeiros egressos no ano de 2009, bem antes da UFPB, que por sua vez, foi criada dois anos mais tarde e consequentemente teve seus primeiros egressos a partir do ano de 2011.

CAPÍTULO 2
O CONCEITO DE PROFISSÃO E A PROFISSÃO
DE ARQUIVISTA

2 O CONCEITO DE PROFISSÃO E A PROFISSÃO DE ARQUIVISTA

2.1 O CONCEITO DE PROFISSÃO

Apresentamos a seguir o significado dado por alguns autores para a palavra profissão. Na visão de Cabral (s.d. apud DIAS, 2011, p. 1): “O termo profissão em português moderno abrange toda e qualquer actividade, identificando ocupações não remuneradas, locais de trabalho, ramos de serviço e sectores da organização político-económica.” Já para Moore (1970 apud PONTE, 1999):

- Profissão é uma ocupação a tempo integral no sentido em que o profissional passa a viver da remuneração obtida a partir do seu trabalho e naquela actividade.
- Caracteriza-se pela vocação sugerindo identidade profissional com os valores difundidos pela profissão, aceitação das suas normas e modelos e identificação com os seus pares.
- Possui organização, sobretudo relativa à defesa dos interesses corporativos da ocupação, controlando também as for, mas de admissão na profissão e do exercício da mesma [...]
- Possui um corpo de conhecimento formal complexo e teórico que é transmitido, geralmente por universidades e em cursos de longa duração.
- Possui orientação para o serviço, destinando-se a servir os interesses dos clientes e da comunidade. [...]

Contudo, Dubar e Tripier (1998, p. 12), citado por Perruci (2003, p. 86), defendem que dependendo do lugar e da época, o termo profissão pode apresentar quatro sentidos: como declaração, a profissão é um processo identitário (vocação); como ocupação, é uma atividade especializada; como função, é uma posição na divisão social do trabalho; como emprego, é uma classificação ocupacional. A partir desses sentidos, Perruci (2003) nos mostra ainda que o termo profissão apresenta uma tripla partição: a cognitiva, quando pensada do ponto de vista do saber e da sua aplicação na divisão social do trabalho; a axiológica/afetiva, quando envolve valores e processos identitários e a conativa, quando apresenta ações e estratégias balizadas por interesses.

No presente trabalho, percebemos *profissão* como sendo a utilização de saberes científicos, empíricos e técnicos para a consecução de atividades especializadas desempenhadas por um grupo específico: os Arquivistas.

2.2 O PROFISSIONAL ARQUIVISTA

Tavares (2011) nos mostra que devemos identificar o Arquivista como sendo o profissional surgido na modernidade após a Revolução Francesa, partindo da fragmentação das unidades informacionais (Arquivo, Biblioteca e Museu). É nessa fase em que o modelo científico positivista ainda predomina, onde o termo e a profissionalização arquivística se configurarão em campo do conhecimento científico passando a formar um espaço profissional que atenda às necessidades apresentadas pela administração dos diversos setores, sejam eles públicos ou privados, viabilizando o acesso às fontes de pesquisas pelos mais diversos usuários, entre eles, pesquisadores e historiadores - sendo ainda incumbidos da tarefa de suprir os problemas e as necessidades informacionais da sociedade pós-moderna.

O desenvolvimento do Arquivista se deu juntamente com o processo das grandes transformações de ordem social, econômica e tecnológica a nível mundial. Conforme Tavares (2011, p. 36),

Se, antes, o seu desenvolvimento ocorria através do surgimento de um código estruturado de escrita ou, até, de movimentos revolucionários como a Revolução Francesa, hoje, temos um arquivista “contemporâneo”, que também se originou dessas vicissitudes.

Trazendo esse profissional para os dias atuais, temos que o Arquivista é o responsável pela custódia de documentos onde estão registradas informações de extrema relevância tanto para administração quanto para sociedade. Ele recebe, trata, separa, analisa, classifica, organiza, indexa, planeja, arranja, descreve, avalia, seleciona, armazena, higieniza, restaura, cria instrumentos de busca, recupera/dissemina informações que comprovam transações realizadas anteriormente, contribuindo para que os direitos e deveres de nossa sociedade sejam resguardados, através do poder de “prova” conferido aos documentos que se encontram sob sua responsabilidade; mas não somente, ele também desenvolve instrumentos e métodos em prol da preservação do acervo arquivístico e da efetivação do acesso por parte dos usuários. Adicionalmente, ele gerencia o capital informacional das empresas que dependem das informações por ele custodiadas para as tomadas de decisões.

Face ao exposto, Belotto (1989) nos traz a relevância de seu novo papel, que é não só o de atuar com informações estratégicas, aquelas solicitadas pelos administradores de uma organização para definirem suas decisões, como o de buscar, filtrar, gerenciar e disseminá-las, trabalhando lado a lado com executivos das grandes empresas.

Em suma, tem-se que o Arquivista é fundamental para o desenvolvimento de nossa sociedade, pois é através de seu trabalho de salvaguardar nossa memória, que as gerações futuras podem acessar as informações produzidas em outras épocas, fazendo em seu presente, o resgate do passado. Souza (2011) aponta que o Arquivista exerce uma função social que tem início no momento em que o documento é produzido e se estende a todos os usuários.

Não podemos deixar de ressaltar que um passo importante para a profissão se deu através da publicação da Lei de nº 6.546, de 4 de julho de 1978 (regulamentada pelo Decreto de nº 82.590, de 06 de novembro de 1978), que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo. A respeito do exercício e das atribuições de Arquivista e de Técnico de Arquivo, o Art. 1º estabelece que só será permitido:

- I – aos diplomados no Brasil por curso superior de Arquivologia, reconhecido na forma da lei;
- II – aos diplomados no exterior por cursos superiores de Arquivologia, cujos diplomas sejam revalidados no Brasil na forma da lei;
- III – aos Técnicos de Arquivo portadores de certificados de conclusão de ensino de 2º grau;
- IV – aos que, embora não habilitados nos termos dos itens anteriores, contem, pelo menos, cinco anos ininterruptos de atividade ou dez intercalados, na data do início da vigência desta Lei, nos campos profissionais da Arquivologia ou da Técnica de Arquivo;
- V – aos portadores de certificado de conclusão de curso de 2º grau que recebam treinamento específico em técnicas de arquivo em curso ministrado por entidades credenciadas pelo Conselho Federal de Mão-de-obra, do Ministério do Trabalho, com carga horária mínima de 1.100 h. nas disciplinas específicas. (BRASIL, 1978).

O Art. 2º, por sua vez, estabelece que as atribuições dos Arquivistas que são:

- I – planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo;
 - II – planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo;
 - III – planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias;
 - IV – planejamento, organização e direção de serviços ou centro de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos;
 - V – planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos;
 - VI – orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos;
 - VII – orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos;
 - VIII – orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação;
 - IX – promoção de medidas necessárias à conservação de documentos;
 - X – elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos;
 - XI – assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;
 - XI – assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;
 - XII – desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes.
- (BRASIL, 1978).

Apesar de sua criação e promulgação, a lei infelizmente acaba não sendo cumprida, seja pelas instituições pertencentes à administração pública ou à iniciativa privada, tal qual por alguns profissionais. Deste modo, Tavares (2011) aponta que é de suma importância a intervenção dos sindicatos no papel de cobrar os direitos de uma categoria profissional, nesse caso, da Arquivologia que ainda é pouco expressiva.

CAPÍTULO III
O MERCADO DE TRABALHO DO ARQUIVISTA

3 O MERCADO DE TRABALHO DO ARQUIVISTA

O campo de atuação do Arquivista é extremamente amplo, tendo em vista, que ele é o profissional capacitado para estar à frente dos arquivos de toda e qualquer instituição, seja ela pública ou privada, trabalhando de forma direta com os documentos produzidos desde sua criação até a destinação final. Assim, temos que todos os segmentos do mercado possuem setores que produzem diariamente uma infinidade de documentos, que por sua vez, demandam a presença deste profissional para mantê-los adequadamente organizados, viabilizando rápida e efetivamente a recuperação das informações custodiadas quando forem solicitadas.

Aqui, apresentaremos de forma sucinta alguns dos inúmeros campos onde o Arquivista atua, são eles: autarquias, fundações públicas, agências reguladoras, associações públicas, empresas públicas, sociedades de economia mista, fundações governamentais, escolas, corporações, comércio, indústria, além de arquivos privados pessoais. Cabe salientar, que o Arquivista também pode atuar de forma autônoma prestando assessoria e consultoria técnica. Souza (2011, p.12), nos mostra que o espaço de trabalho abrange também:

[...] instituições arquivísticas públicas e/ou privadas, os centros de documentação e informação, as universidades e os centros de pesquisa, as filmotecas, e os museus, junto com os bancos de dados [...] Além disso, também se inserem as clínicas médicas e os hospitais, as instituições culturais e financeiras, as sociedades e cooperativas, os centros de ensino, os arquivos particulares e as consultorias, além dos órgãos dos poderes legislativos, executivo e judiciário entre outros. De fato, qualquer instituição produtora de informação é um espaço de trabalho potencial para os arquivistas.

Dado o exposto, percebemos que o campo de trabalho deste profissional é imenso, conforme Souza (2011, p. 51), "[...] está [...] em toda e qualquer instituição que produza, armazene e disponibilize informação, independente do suporte." Contudo, ocorre que parte do espaço que deveria ser destinado ao Arquivista, acaba sendo ocupado por pessoas despreparadas; por profissionais de outras áreas, que não têm a formação necessária para estarem à frente de um centro de documentação.

Na iniciativa privada, por exemplo, são admitidos funcionários que não tem nenhuma noção sobre os princípios arquivísticos, sendo por sua vez, os responsáveis pela gestão documental, que se dá de forma totalmente inadequada. Por outro lado, no que concernem os concursos públicos, não é raro vermos editais exigindo apenas o ensino médio para o cargo de Arquivista, quando este deve ser ocupado apenas por pessoas que possuam nível superior na

área, como, certames que disponibilizam vagas para o Bibliotecário-documentalista com as atribuições de Arquivistas. Em vista disso, são os estudantes e profissionais da Arquivologia que ao se depararem com absurdos do tipo, vêm recorrendo ao Ministério Público da União - MPU para impugnarem editais que ferem a Lei de nº 6.546, de 4 de julho de 1978 (regulamentada pelo Decreto de nº 82.590, de 06 de novembro de 1978), que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo.

Falta muito para a conscientização da sociedade sobre a importância do trabalho do profissional em questão, da mesma forma, para a consolidação e visibilidade profissional da classe. Todavia, o Arquivista deve buscar meios para mudar essa realidade. Ao ocupar uma vaga no mercado, caberá a ele se posicionar de maneira a tornar-se um gestor que está sempre em busca de novos métodos e formas de capacitação para melhor gerir o setor sob sua responsabilidade, “o arquivo”. Agindo de forma proativa contribuirá para o possível despertar, por parte dos que o circundam, atraindo um novo olhar sobre seu ambiente de trabalho, de forma que atentem para sua relevância enquanto profissional.

Ademais, Takahashi (2000, p. 21), aponta que o mercado de trabalho exige “cada vez mais dos trabalhadores contínua atualização e desenvolvimento de habilidades e competências, de modo a atender aos novos requisitos técnico-econômicos [...]”. Ferreira (2004, p. 3), por sua vez, nos traz que: “O conceito de competências essenciais envolve conhecimento, que deve ser adquirido na formação, habilidades, que são adquiridas com a prática e atitudes, que envolvem aspectos emocionais e sociais”.

Entendemos que no exercício profissional do Arquivista são demandadas inúmeras aptidões e habilidades, como podemos observar no quadro abaixo.

Quadro 1: Categorização das qualidades do perfil do Arquivista

HABILIDADES E COMPETENCIAS	TÉCNICAS	COGNITIVAS	COMPORTAMENTAIS
PERFIL PROFISSIONAL	1 Atualizar-se perante as inovações na área arquivística; 2 Conhecer os recursos tecnológicos; 3 Possuir habilidade para tratar documentos especiais como	1 Possuir poder de decisão; 2 Capacidade de planejamento e abstração; 3 Visão sistêmica; 4 Ser perceptivo às novidades;	1 Saber trabalhar em grupo; 2 Ter pró-atividade, iniciativa, dinamismo; 3 Motivação, organização; 4 Comprometimento com o trabalho; 5 Poder de adaptação;

	eletrônicos fílmicos e fotografias analógicas e digitais;	5 Ter poder de persuasão, decisão e argumentação;	6 Possuir ética profissional;
	4 Elaborar instrumentos de controle de vocabulário;	6 Senso de preservação da memória arquivística;	7 Saber lidar com a interdisciplinaridade;
	5 Ter conhecimento da língua inglesa;	7 Objetividade;	8 Ter boa comunicação;
	6 Dominar as legislações;	8 Habilidade em solucionar problemas;	9 Ser persistente e paciente.
	7 Aplicar a difusão do Trabalho.	9 Senso crítico.	

Fonte: ROSA; URBANETTO, 2010, p. 16.

Inegavelmente, o Arquivista deve possuir uma série de qualidades que são essenciais para o desenvolvimento de um bom trabalho, onde se faz necessário, saber trabalhar em grupo, ser ético, discreto, paciente, educado, ter senso crítico e dominar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS). Na visão de Bahia e Seitz (2009, p. 472), este profissional deve:

Ser um investigador permanente, pesquisando novos nichos de mercado da informação; inovar as técnicas de segmentação do mercado; identificar o novo perfil do consumidor; buscar novos produtos que propicie vantagens em relação a concorrência; criar e manter serviços personalizados aos usuários/clientes; posicionar produtos e serviços em condições compatíveis com a imagem da unidade de informação; entender novos modelos de distribuição no ambiente eletrônico; conhecer o novo papel da comunicação, interagindo com os profissionais desta área; descobrir o modelo ideal para promover os produtos e serviços oferecidos; aprimorar o relacionamento com a clientela; visualizar modalidades para estabelecer parcerias com a comunidade, governo, órgão de classe, agências de fomento e empresas privadas em geral; molda um novo e atualizado profissional para o atendimento ao público; investir em controles para aprimorar desempenhos de equipe, do gerente e das metodologias de trabalho.

É pertinente dizer que o Arquivista precisa encontrar formas de desenvolver autonomia para atuar como um verdadeiro gestor, atentando para a necessidade de buscar informações estratégicas que elevem o patamar das instituições onde atuam, trazendo assim, como dito anteriormente, um olhar diferenciado de seus superiores, vindo, por conseguinte, a conquistar o respeito profissional e a visibilidade a qual carece à classe profissional. Em

princípio, o Arquivista precisa ultrapassar barreiras mostrando que possui a competência necessária para desenvolver as diversas atividades que lhe compete, acompanhando sempre as mudanças tecnológicas, como, identificando e suprimindo todas as necessidades informacionais apresentadas pelos usuários do setor pelo qual é responsável. Nesse sentido Tavares (2011) afirma,

O arquivista, embora reconheça que a sua presença seja importante numa instituição, ainda não se reconhece capaz de atuar nos âmbitos gerenciais, e sua imagem fica associada, apenas, à de um arquivista recluso, junto com seus documentos num arquivo. No entanto, em um mundo globalizado, as modificações atuam em todas as formas. No campo do profissionalismo, essa modificação ocorre diante das estruturas macro de poder, ou seja, o profissional é subjugado a ceder às modificações, caso não o faça, ficará ultrapassado e perderá espaço no mercado competitivo do trabalho. Sendo assim, o arquivista é, e o tem que ser, um profissional dinâmico, que se adequa às condições e às necessidades impostas pela sociedade da informação.

Salientamos que as habilidades e competências apresentadas são apenas algumas das mais solicitadas para o exercício profissional. O acompanhamento por parte do Arquivista das possíveis mudanças que podem ocorrer na exigência de mercado sobre estas competências torna-o um profissional mais completo para atender às exigências do novo mundo configurado pelo bombardeio informacional.

CAPÍTULO IV
OS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA

4 OS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA

Aqui veremos quando surgiu o primeiro curso de Arquivologia do Brasil, seguido de outros quinze, criados e implantados em diversas regiões do país ao longo dos anos.

4.1 NO BRASIL

Por volta de 1911 já existia uma preocupação por parte do Arquivo Nacional (AN), sobre a formação especializada de seus funcionários, de modo, que passou a buscar meios para implementar um curso que trouxesse a capacitação necessária. Segundo Marques e Rodrigues (2008, p. 5), foi “[...] instituído, por meio do Decreto n. 9.197, de 9 de dezembro de 1911, o Curso de Diplomática, com o fim de proporcionar cultura prática e theorica [sic], aos que se destinarem às funções especiaes [sic] dos cargos desse estabelecimento”.

Em 1923 são então abertas as inscrições na Biblioteca Central (BC) e no Museu Histórico Nacional (MHN) para um Curso Técnico, criado pelo Decreto n. 15.596, de 2 de agosto de 1922, comum ao AN. Na época tinha-se como modelo os cursos técnicos dos arquivos europeus que exigiam por parte dos candidatos uma preparação para trabalhar simultaneamente em bibliotecas, museus e arquivos, de forma que o curso a ser implementado no Brasil, vislumbra-se seguir esse exemplo. Assim, o curso do AN deveria habilitar os candidatos ao novo cargo de Amanuense, em substituição ao de auxiliar, de acordo com o Projeto 141 de 1926 do AN, mas apesar de regulamentado, por diversas razões, nunca chegou a funcionar. Logo,

[...], para se formarem, restava, aos funcionários do AN, aproveitarem os cursos eventualmente promovidos pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ), pelo Instituto de desenvolvimento e Organização Racional do Trabalho (IDORT-SP) e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). (MARQUES; RODRIGUES, 2008. p. 6).

Depois de muitos esforços, é apenas em 1960, que o AN consegue executar o Curso Permanente de Arquivos (CPA), em suas dependências.

[...] o professor Henri Boullier de Branche alertava sobre a importância da formação regular de pessoal qualificado para o futuro dos arquivos brasileiros: “Só deste modo poderá o Brasil recrutar os arquivistas qualificados que lhe serão cada vez mais indispensáveis” (BRANCHE, 1975, p. 10 apud MARQUES; RODRIGUES, 2008. p. 9).

O CPA foi a efetivação de todas as tentativas anteriores, contribuindo assim, para que o projeto para execução de um curso superior fosse levado a diante. Desse modo, Bottino (1994, p. 14) citado por Marques e Rodrigues (2008, p.9) aponta que em 1972, o Conselho Federal de Educação (CFE) autoriza a criação de cursos de Arquivologia em nível superior.

Dando cumprimento ao que foi recomendado no I Congresso Brasileiro de Arquivologia (CBA), acerca da definição de um currículo mínimo para esses cursos, a Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB) envia ao CFE um projeto de currículo, originando assim, através da resolução n. 23 de 13 de Maio de 1974, a formalização de um convênio “entre o AN e a UFRJ, a partir do qual, poderia ser conferido um certificado de curso superior a quem tivesse concluído o CPA até 23 de setembro de 1973” (ARQUIVO NACIONAL, 1976 apud MARQUES; RODRIGUES, 2008, p.10). Assim, pela primeira vez, é então atribuído ao CPA o *status* de curso superior, conforme Marques e Rodrigues (2008, p. 10).

No Brasil, a efetivação do “Curso de Arquivologia”, deu-se em março de 1977 com a transferência do CPA para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ), atual UNIRIO, conforme o Decreto n. 79.329, de 02 de março de 1977. “Com essa transferência, o CPA, que funcionava no AN desde 1960 e já reconhecido como curso superior, passa, oficialmente, a funcionar no espaço universitário, ainda no mesmo ano, ou seja, 1977.” (MARQUES; RODRIGUES, 2008, p.11). Ainda segundo as autoras em questão, essa transferência para a universidade é uma das razões decisivas na trajetória Arquivística brasileira representando sua conquista de espaço no meio acadêmico, afinal de contas, trata-se do primeiro dentre os vários cursos de graduação em Arquivologia que passaria a existir no país.

A seguir apresentamos o quadro com os cursos de Arquivologia, as regiões onde estão localizados, e o ano de sua implementação.

Quadro 2: Dos anos iniciais às Universidades que ofertam o Curso de Arquivologia

ANOS INICIAIS DO CURSO	UNIVERSIDADES	REGIÕES
1977	UNIRIO	SUDESTE
1977	UFSM	SUL
1978	UFF	SUDESTE
1991	UNB	CENTRO-OESTE
1997	UEL	SUL
1998	UFBA	NORDESTE
1999	UFRGS	SUL

2000	UFES	SUDESTE
2003	UNESP	SUDESTE
2006	UEPB	NORDESTE
2008	UFPB	NORDESTE
2008	UFAM	NORTE
2008	FURG	SUL
2009	UFMG	SUDESTE
2010	UFSC	SUL
2012	UFPA	NORTE

Fonte: Adaptação de MENDES, D. S.

4.2 NA PARAÍBA

A Paraíba é o estado que têm a maior oferta de cursos de Arquivologia do país, tendo em vista, possuir na cidade de João Pessoa, sua capital, dois cursos, sendo um na UEPB e outro na UFPB, como veremos a seguir.

4.2.1 Na UEPB

A UEPB, inicialmente chamada de Universidade Regional do Nordeste (URNe), foi criada no ano de 1966, através da Lei nº 23 de 15 de março, na administração do prefeito Williams Arruda, na cidade de Campina Grande. Sua institucionalização só aconteceu anos mais tarde, através da Lei de nº 4.977, de 11 de outubro de 1987, conforme PORTO (2012).

A instituição é a precursora do curso de Arquivologia no estado da Paraíba e atualmente é formada por 8 (oito) campus, são eles: Campus I, em Campina Grande, constituído pelo Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS); Centro de Ciências Jurídicas (CCJ); Centro de Educação (CEDUC); Centro de Ciências Sociais e Aplicadas (CCSA) e o Centro de Ciências e Tecnologias (CCT); Campus II, em Lagoa Seca, formado pelo Centro de Ciências Agrárias e Ambientais (CCAA); Campus III, em Guarabira, formado pelo Centro de Humanidades (CH); Campus IV, em Catolé do Rocha, constituído pelo Centro de Ciências Humanas e Agrárias (CCHA); Campus V, localizado na cidade de João Pessoa, formado pelo Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas (CCBSA); Campus VI, em Monteiro, com o Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE); Campus VII, em Patos, formado pelo Centro de Ciências Exatas e Aplicadas (CCEA); e por fim, o Campus VIII, situado em Araruna, e constituído pelo Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde (CCTS), conforme nos mostra o portal da referida Universidade.

No que se refere ao curso de Arquivologia, a modalidade é o bacharelado, criado através da Resolução UEPB/CONSUNI/010/2006 de 29 de março de 2006, localizado no CAMPUS V (Ministro Alcides Carneiro), na capital.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP, p.1), o curso é ofertado nos turnos diurno, com duração mínima de 4 (quatro) anos e máxima 6 (seis) anos, e noturno, com duração mínima de 4 (quatro) anos e meio e máxima 7 (sete) anos. Sua carga horária é de 3.520 horas-aula.

Acerca do objetivo geral do curso em questão, tem-se que:

Formar profissionais capazes de conhecer, intervir, implementar, desenvolver, inovar e analisar processos arquivísticos, elaborando programas de administração de documentos, de conservação e disseminação, fundamentados na preservação e manuseio da informação, alinhada a concepção de políticas locais, nacionais e internacionais, utilizando os avanços da tecnologia, com um alto sentido ético para servir a sociedade nos âmbitos civis, econômicos, políticos, científicos, tecnológicos e culturais. (PPP, p. 3).

4.2.2 Na UFPB

Nomeada anteriormente Universidade da Paraíba, trata-se de uma Instituição autárquica pautada em regime especial de ensino, pesquisa e extensão, diretamente vinculada ao Ministério da Educação. Com uma estrutura multicampi, a UFPB estende sua atuação nas cidades de João Pessoa, Areia, Rio Tinto, Mamanguape e Bananeiras.

Sua federalização ocorreu através da Lei nº 3.835, de 13 de dezembro de 1960, onde passou a chamar-se Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, a UFPB possui 8 (oito) campus. O Campus I, em João Pessoa, é formado pelo Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN); Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA); Centro de Ciências da Saúde (CCS); Centro de Educação (CE); Centro de Tecnologia (CT); Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) e Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), onde está vinculado o curso de Arquivologia, através do Departamento de Ciência da Informação (DCI); Campus II, em Areia, composto pelo Centro de Ciências Agrárias (CCA); Campus III, em Bananeiras, composto pelo Centro de Formação de Tecnólogos (CFT) e o Campus IV, em Mamanguape e Rio Tinto, onde fica o Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAIE), conforme o histórico presente na página virtual da UFPB.

O curso foi criado no ano de 2008, através da Resolução 42/08/CONSEPE/UFPB, que aprova o Projeto Político-Pedagógico (PPP) do Curso de Graduação em Arquivologia, na modalidade Bacharelado, possibilitado através da aprovação do Decreto nº 6.096, de 24 de

abril de 2007, que institui o Programa do governo federal de apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). O curso funciona apenas no turno da noite, com duração mínima de 10 (dez) períodos e máxima de 15 (quinze) períodos. Sua carga horária é de 2.760 horas-aula.

Conforme o PPP (2008, p. 19), o seu objetivo é o de formar:

[...] profissionais de informação (Arquivistas) para atuarem de modo crítico, criativo e eficiente, em atividades que conduzam à percepção do valor da informação para a transformação da sociedade, da gestão de serviços e recursos de informação arquivística, através das ações de planejamento, organização e administração e o manuseio de diferentes tecnologias de informação, na área da arquivística.

CAPÍTULO V
TRAÇANDO OS PERFIS DOS ARQUIVISTAS
EGRESSOS DA UEPB E UFPB

5 TRAÇANDO OS PERFIS DOS ARQUIVISTAS EGRESSOS DA UEPB E UFPB

A análise de dados é o momento de trazer os resultados da pesquisa em consonância com o que foi levantado em cada ponto do instrumento de pesquisa, nesse caso, o questionário (Apêndice A). De acordo com Gil (2008, p. 156):

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de resposta ao problema proposto para a investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos. Os processos de análise e interpretação variam significativamente em função do plano de pesquisa.

No período de 2009 a 2014 graduaram-se na UEPB, campus V, 166 (cento e sessenta e seis) Arquivistas. Conseguimos localizar 110 egressos aos quais enviamos o questionário (Apêndice A), por meio da página pessoal da rede social Facebook®. Aqueles que não tinham perfis na rede social foram contatados por e-mail. Obtivemos o retorno de 41 egressos, totalizando 37,27%, do valor amostral sobre a população de 41 Arquivistas.

Na UFPB campus I, de 2011 a 2014, graduaram-se 46 (quarenta e seis) Arquivistas dos quais conseguimos localizar 36 (trinta e seis). Os meios utilizados para contatá-los foram os mesmos usados com os egressos da UEPB. Obtivemos o retorno de 17 egressos, que corresponde a 47,22% do valor amostral sobre a população de 36 (trinta e seis) Arquivistas. A configuração das amostras em questão dar-se por tipicidade/intencional, que de acordo com Gil (2008, p. 94), é "[...] um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população".

Ainda sobre o número de graduados em Arquivologia, apresentaremos a seguir, um quadro detalhando o quantitativo de ambas as universidades entre os anos de 2009 a 2014.

Quadro 3: Quantidade de egressos por ano dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB

ANO	EGRESSOS UEPB	EGRESSOS UFPB
2009	4	0
2010	37	0
2011	45	1
2012	27	3
2013	25	16
2014	28	26
TOTAL	166	46

Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito à quantidade de ingressantes por ano no curso em questão, as informações presentes nas páginas virtuais da Comissão Permanente de Concursos (CPCON), associada à UEPB; da Comissão Permanente do Concurso Vestibular (COPERVE), associada a UFPB; e do INFORMATIVO N° 039/2008 de 02 de setembro de 2008, nos mostram variações. Desse modo, temos o primeiro vestibular para Arquivologia da UEPB, em 2006, com 45 (quarenta e cinco) ingressantes. Nos anos seguintes, mais especificamente até 2010, ingressaram 90 (noventa). A UFPB, por sua vez, através do REUNI, em seu primeiro vestibular, em 2008, ingressaram 30 (trinta). Em 2009 e 2010 entraram 80 (oitenta).

Tratando-se do questionário, (Apêndice A), no total foram elaboradas 17 questões, sendo 14 de caráter quantitativo, visando mapear o perfil profissional dos egressos, e 3 de cunho aberto, buscando investigar suas impressões a respeito de 3 pontos: motivações para cursar Arquivologia, satisfação com a profissão escolhida e dificuldades encontradas para sua inserção no mercado de trabalho.

Sobre a apresentação dos resultados das questões fechadas, optamos pelo uso de gráficos. Para as questões abertas, utilizamos quadros que trazem a categorização das respostas dos egressos conforme os delineamentos de Bardin (2011), onde detalharemos no sexto capítulo.

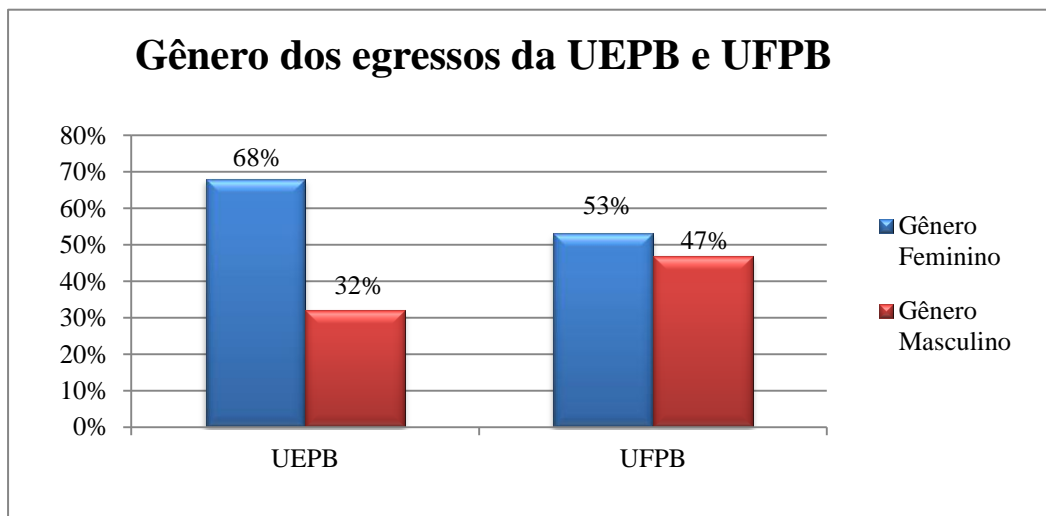
Salientamos que visando resguardar a privacidade dos respondentes, preservamos suas identidades, haja vista serem desnecessárias suas identificações ao responderem o instrumento de pesquisa por nós utilizados.

5.1 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

Tomando por base o que apresentamos até o momento, apresentaremos a seguir, através da explanação de gráficos, os resultados, que serão divididos em dois momentos. Neste primeiro momento, conheceremos o perfil profissional dos respondentes; no segundo momento (abordado a partir do sexto capítulo), a percepção destes em torno de questões que envolvem o curso, a profissão, e as barreiras enfrentadas para inserção no mercado de trabalho o qual será abordado no capítulo cinco.

Sobre os dados referentes ao sexo dos egressos, temos o seguinte:

Gráfico 1: Gênero dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB



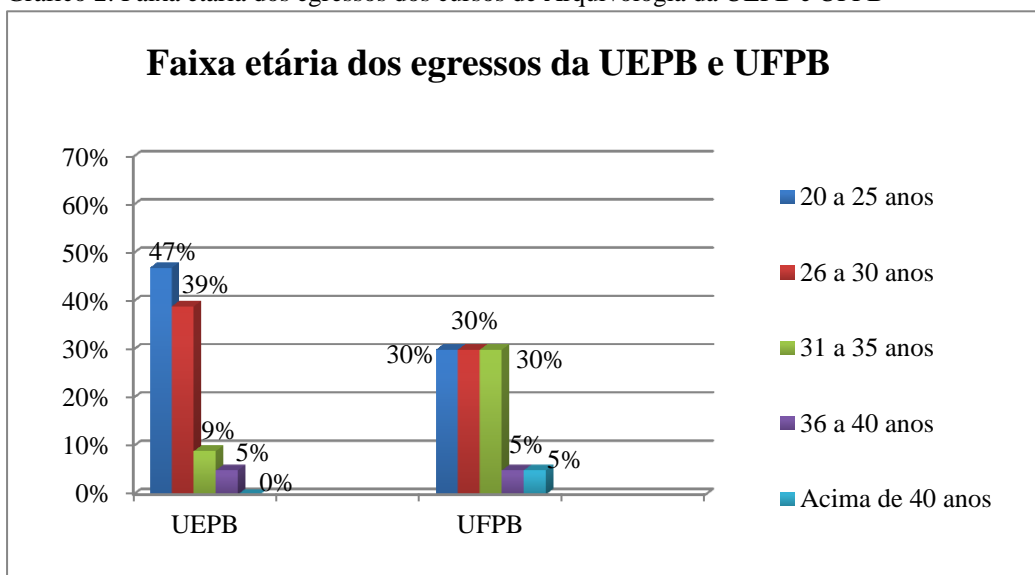
Fonte: Dados da pesquisa

Este gráfico nos mostra que existe uma predominância do sexo feminino dos egressos tanto na UEPB quanto na UFPB. Como podemos observar, o percentual de mulheres no Curso de Arquivologia da UEPB é mais que o dobro do número de homens, são 68% contra 32%.

Já na UFPB a diferença é menor, 53% contra 47%, mas ainda assim, prevalecente. Estudos como o de Ristoff (2006, pag. 1), já apontavam para o maior número de discentes mulheres comparado ao de homens no ensino superior. O autor ressalta em seu trabalho que esse fato merece destaque, tendo em vista, que na graduação elas representam um quantitativo bem maior que os homens. Por essa razão a maioria observada pelo referido autor (2006, p. 1), no momento do ingresso, (56,4%) torna-se ainda mais consistente no momento da formatura (63,4%). Dados do último CENSO (2010) pontificam esta realidade, onde o percentual de mulheres com ensino superior completo é de 12,5% e o de homens 9,95%. Será que historicamente é um curso com maior entrada de mulheres? Cenário tem se alterado, como na Biblioteconomia? Compreender as motivações das mulheres pela escolha do curso, em especial na UEPB.

Na próxima questão, veremos a faixa etária dos egressos de ambas às universidades.

Gráfico 2: Faixa etária dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB



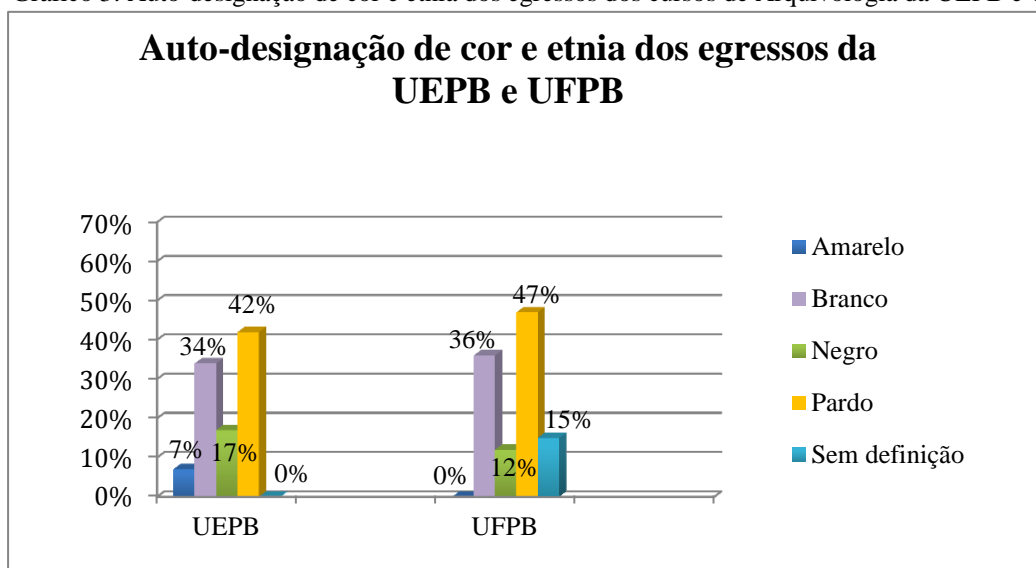
Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico nos mostra que na UEPB o percentual de jovens na faixa etária de 20 a 25 anos é o maior, compondo 47% dos sujeitos pesquisados. Em segundo lugar, vêm os que integram o grupo entre 26 a 30 anos, mostrando assim, que os egressos oriundos do curso em questão são profissionais bastante jovens.

A UFPB por sua vez, aponta que o número de pessoas mais maduras formadas em Arquivologia é maior, totalizando 40% entre as faixas etárias de 31 a 35, 36 a 40 e acima de 40.

No gráfico subsequente trataremos da auto-designação de cor e etnia dos egressos.

Gráfico 3: Auto-designação de cor e etnia dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB



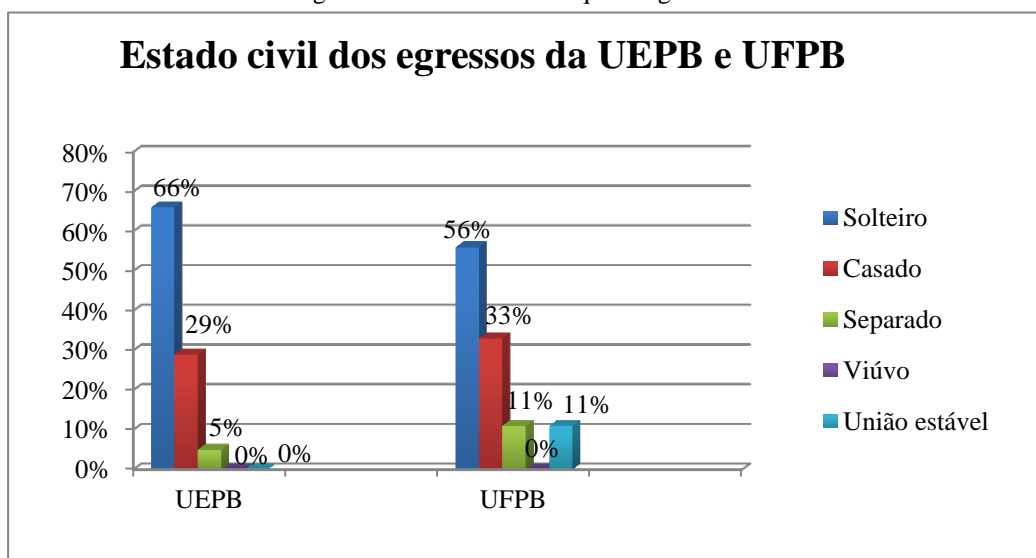
Fonte: Dados da pesquisa

Na UEPB 42% dos egressos consideram-se pardos e 34% brancos. Um pequeno número, 17%, identifica-se com as raízes afro-descendentes brasileiras, se auto-designando negros.

Na UFPB não é diferente. Temos 47% dos egressos que se consideram pardos e 36% brancos. A porcentagem dos que se auto-designam negros é de 12%. Um dado interessante é que 15% não se reconhecem inseridos em nenhuma das categorias de cor e etnia apresentadas, nos levando a refletir que talvez essa dificuldade de auto-identificação, pode estar vinculada ao processo histórico do racismo de nosso país.

No próximo gráfico traremos o estado civil dos egressos da UEPB e UFPB.

Gráfico 4: Estado civil dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB



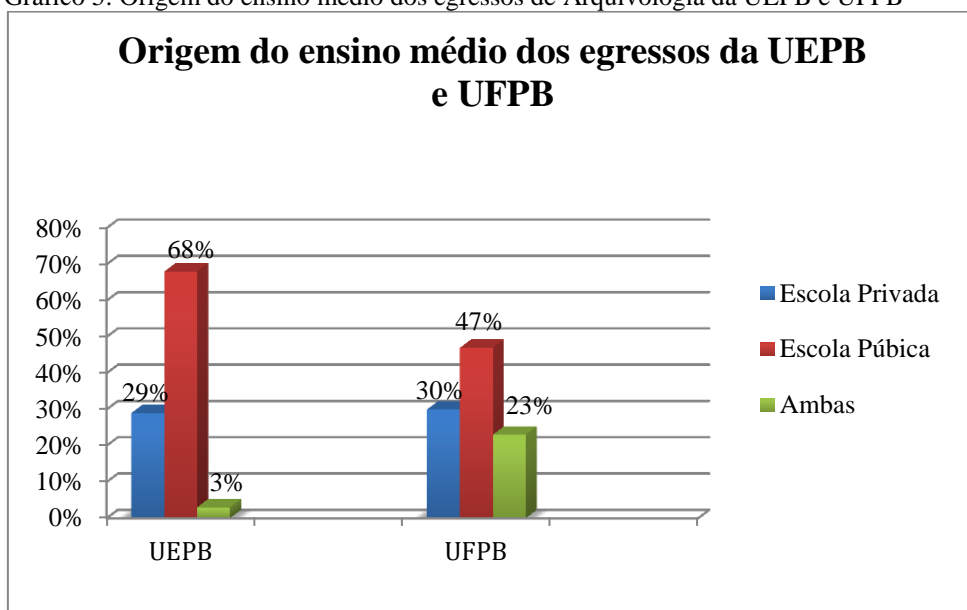
Fonte: Dados da pesquisa

O quantitativo de solteiros oriundos da UEPB e UFPB são muito próximos, superando o dos demais grupos. São 66% da Estadual e 56% da Federal.

Na UFPB temos um dado interessante, 11% dos egressos apontam para o relacionamento estável, ou seja, são pessoas que civilmente permanecem solteiras, mas que têm um companheiro com quem dividem uma relação notória, constante, durável, repartindo a mesma morada.

No próximo gráfico trataremos da passagem dos egressos pelo ensino médio.

Gráfico 5: Origem do ensino médio dos egressos de Arquivologia da UEPB e UFPB



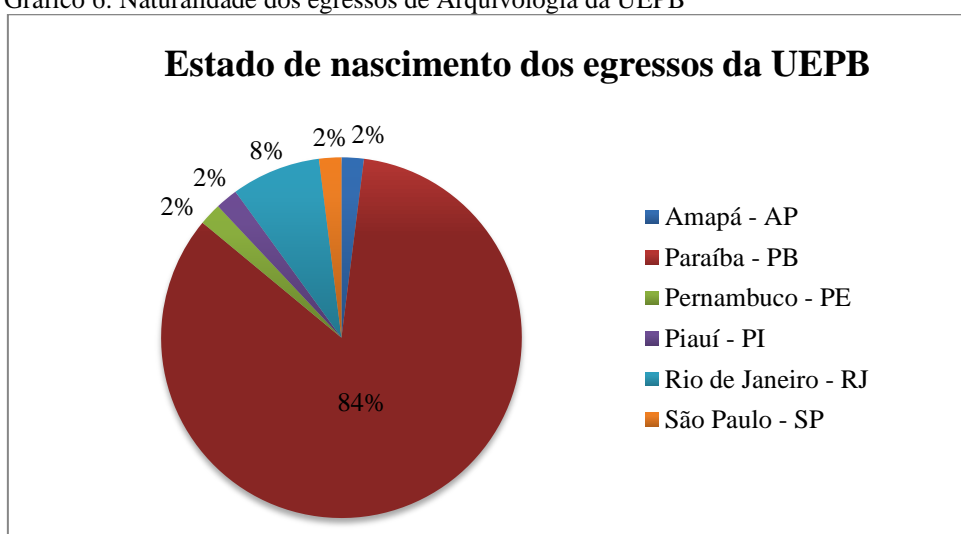
Fonte: Dados da pesquisa

Conforme o gráfico, percebemos que 68% dos egressos da UEPB são oriundos de escola pública e que 29% vieram do ensino privado.

Quanto aos egressos da UFPB, esses também são em sua maioria proveniente do ensino público, compondo 47% do total. Outros 30% provêm de escolas privadas e 23% cursaram o ensino médio em ambas.

A seguir temos o gráfico a respeito da naturalidade dos egressos da UEPB.

Gráfico 6: Naturalidade dos egressos de Arquivologia da UEPB

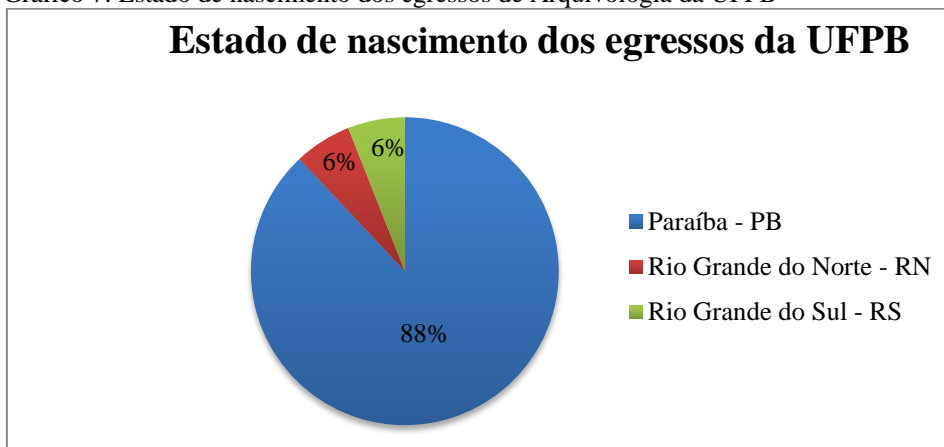


Fonte: Dados desta pesquisa

Podemos afirmar a partir do gráfico em questão, que os egressos da UEPB são maciçamente paraibanos, totalizando 84%. Dos demais, 8% são do RJ e outros 8% dividem-se entre amapaenses, pernambucanos, piauienses e paulistanos, com 2% cada.

A seguir veremos em quais estados nasceram os egressos da UFPB.

Gráfico 7: Estado de nascimento dos egressos de Arquivologia da UFPB

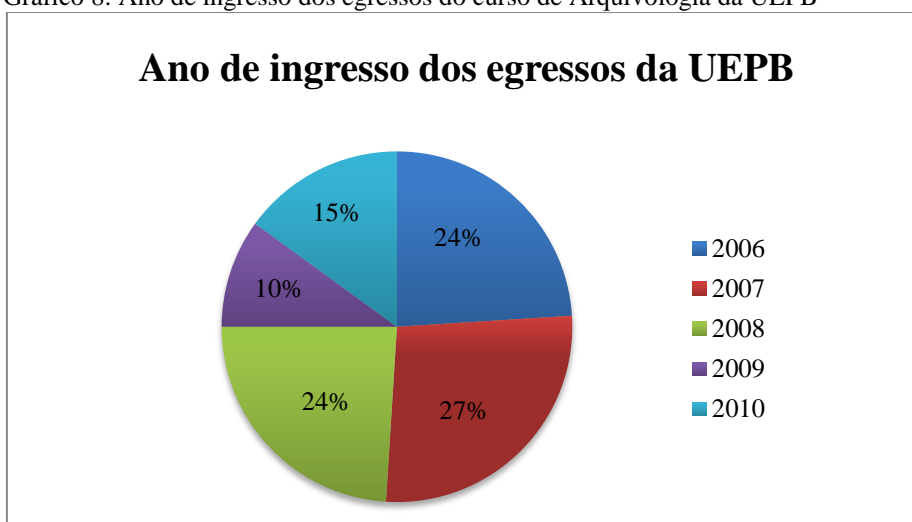


Fonte: Dados desta pesquisa

Semelhante aos dados levantados na UEPB, o gráfico em questão nos mostra que os egressos da UFPB são em sua maioria paraibanos, com um percentual de 88%. Os 12% restantes dividem-se entre natalenses e rio-grandenses.

No próximo gráfico traremos o ano de ingresso dos respondentes da UEPB.

Gráfico 8: Ano de ingresso dos egressos do curso de Arquivologia da UEPB

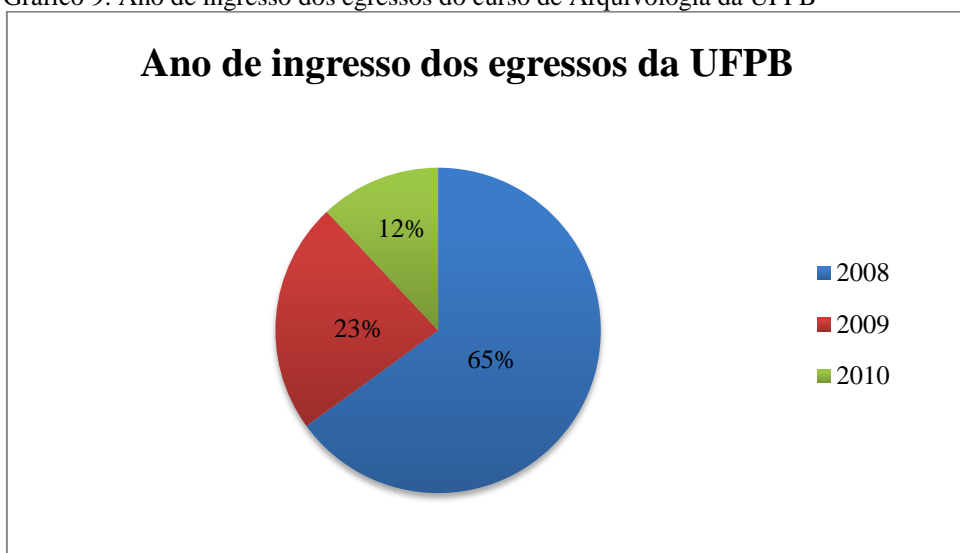


Fonte: Dados desta pesquisa

Como podemos observar, temos entre os anos de 2006 e 2008 o maior quantitativo de ingresso dos respondentes.

O gráfico seguinte traz o ano de ingresso dos oriundos do curso de Arquivologia da UFPB.

Gráfico 9: Ano de ingresso dos egressos do curso de Arquivologia da UFPB

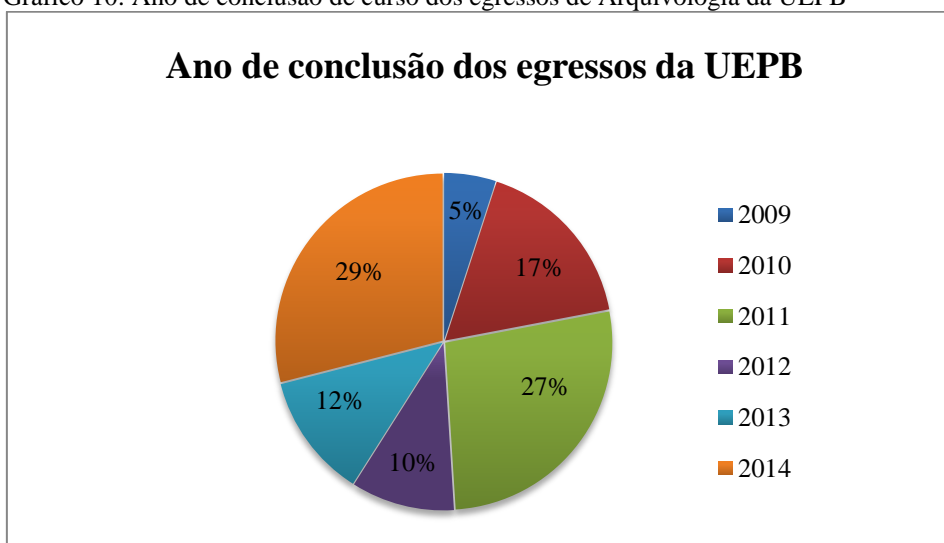


Fonte: Dados desta pesquisa

Percebemos que o maior número de respondentes, 65%, é originário da turma pioneira do ano de 2008.

Na questão subsequente traremos o ano de conclusão de curso dos respondentes da UEPB.

Gráfico 10: Ano de conclusão de curso dos egressos de Arquivologia da UEPB

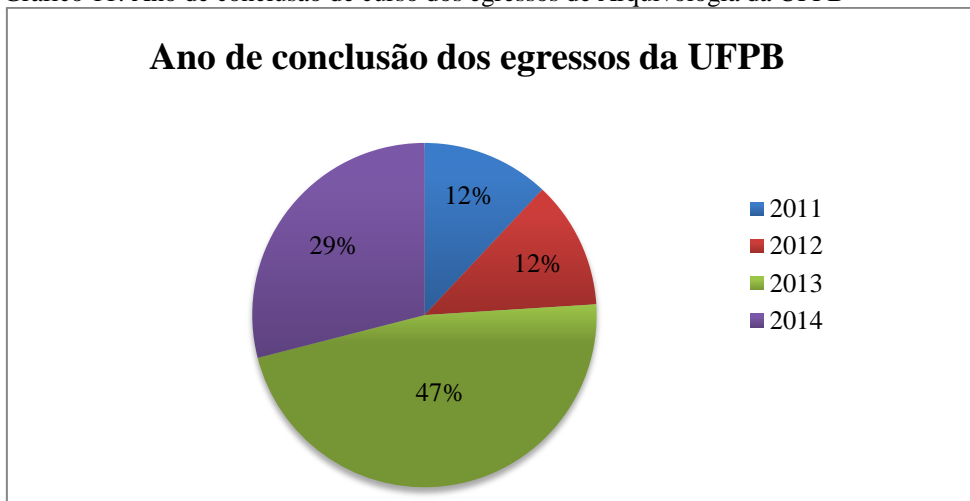


Fonte: Dados desta pesquisa

Este gráfico nos traz uma informação interessante: 5% dos egressos participantes dessa pesquisa concluíram o curso em 2009, ou seja, antes do prazo estabelecido pela instituição de ensino. Essa abreviatura de curso é decorrente da aprovação em concursos públicos por parte de alguns discentes.

O próximo gráfico traz o ano de conclusão dos egressos da UFPB.

Gráfico 11: Ano de conclusão de curso dos egressos de Arquivologia da UFPB

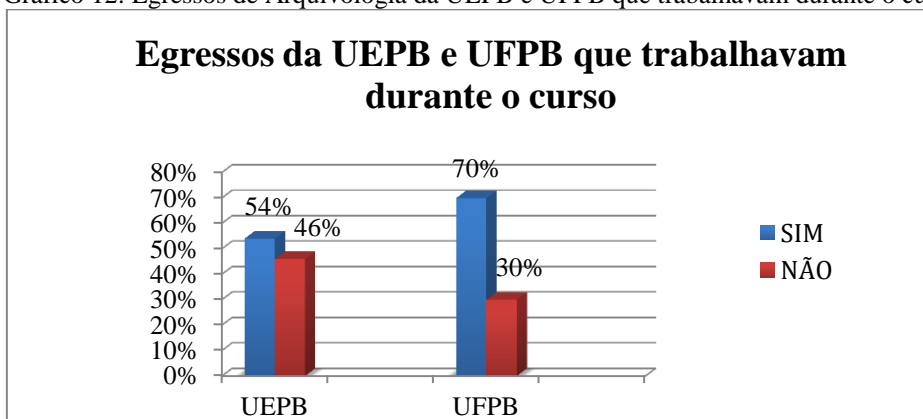


Fonte: Dados desta pesquisa

Este gráfico nos mostra que 47% dos egressos concluíram o curso ano de 2013, ou seja, dentro do prazo estabelecido pela universidade. E assim como na UEPB, existem aqueles que concluíram antes desse prazo, mais especificamente, em 3 (três) anos, totalizando 18%. Desse percentual tem os que abreviaram o curso o curso por terem sido aprovados em certames.

A seguir, traremos o quantitativo de egressos que trabalhavam durante o curso.

Gráfico 12: Egressos de Arquivologia da UEPB e UFPB que trabalhavam durante o curso

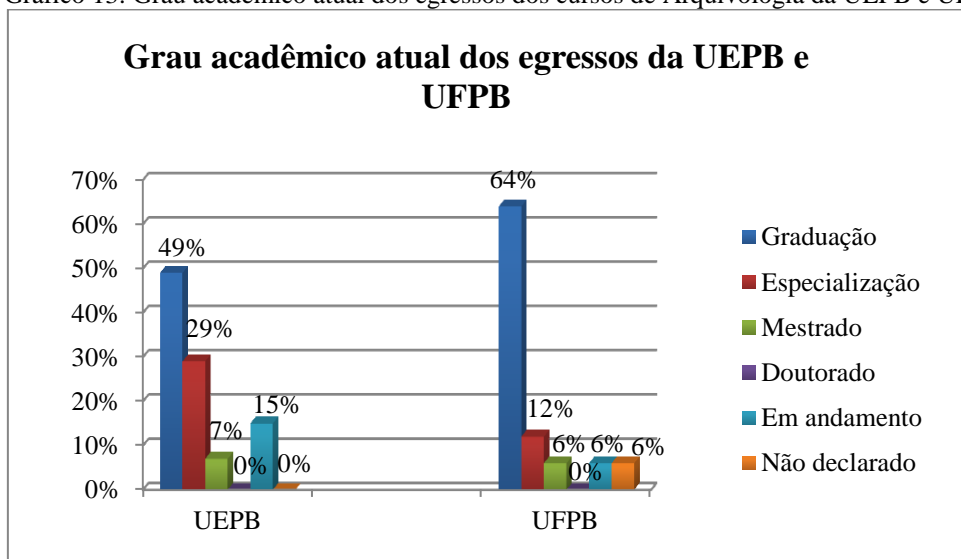


Fonte: Dados desta pesquisa

De acordo o gráfico, temos que o quantitativo de egressos da UFPB que trabalhava durante o curso é de 70%, ou seja, maior que o da UEPB, que é de 54%.

Na questão seguinte, os egressos que buscaram aperfeiçoamento profissional.

Gráfico 13: Grau acadêmico atual dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB



Fonte: Dados desta pesquisa

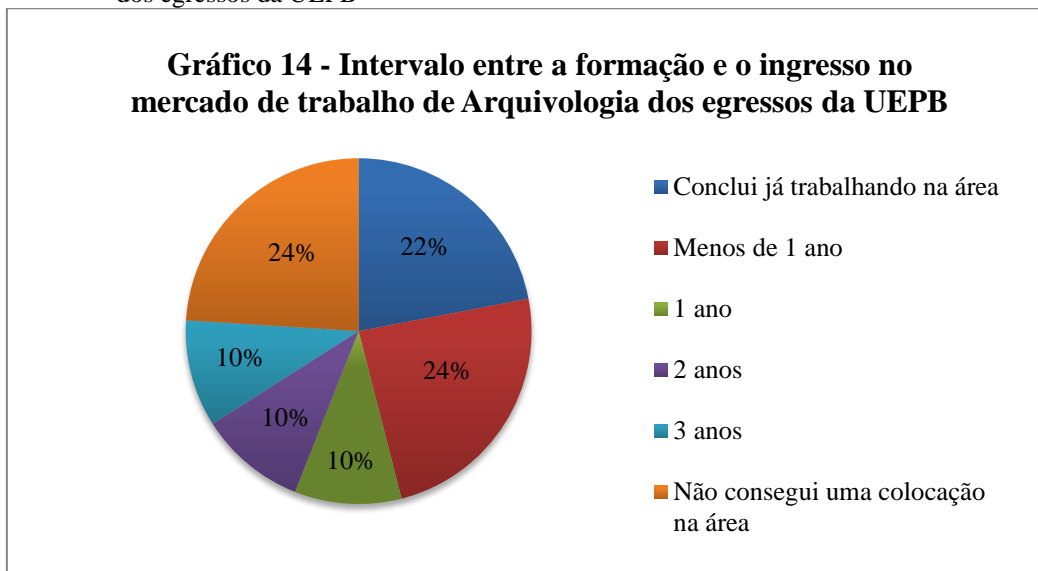
Percebemos que 29% dos egressos da UEPB possuem especialização, 7% mestrado e outros 15% estão com a pós-graduação em andamento. Destes 15%, 7% cursam especialização, 3% mestrado e 5% doutorado.

Entre os egressos da UFPB, 12% possuem especialização, 6% mestrado e 6% estão com a pós-graduação em andamento, mais especificamente, o mestrado.

Vemos que parte dos egressos tem procurado através da pós-graduação se qualificar, de modo, a acompanhar participativamente às mudanças e exigências que permeiam o mercado de trabalho, fazendo jus ao papel do Arquivista moderno, que busca apreender novos conhecimentos para não se tornar um profissional com conhecimentos e técnicas ultrapassadas.

No gráfico a seguir procuramos saber em quanto tempo, depois de formados, os egressos da UEPB conseguiram conquistar seu espaço no mercado de trabalho da área.

Gráfico 14: Intervalo entre a formação e o ingresso no mercado de trabalho de Arquivologia dos egressos da UEPB

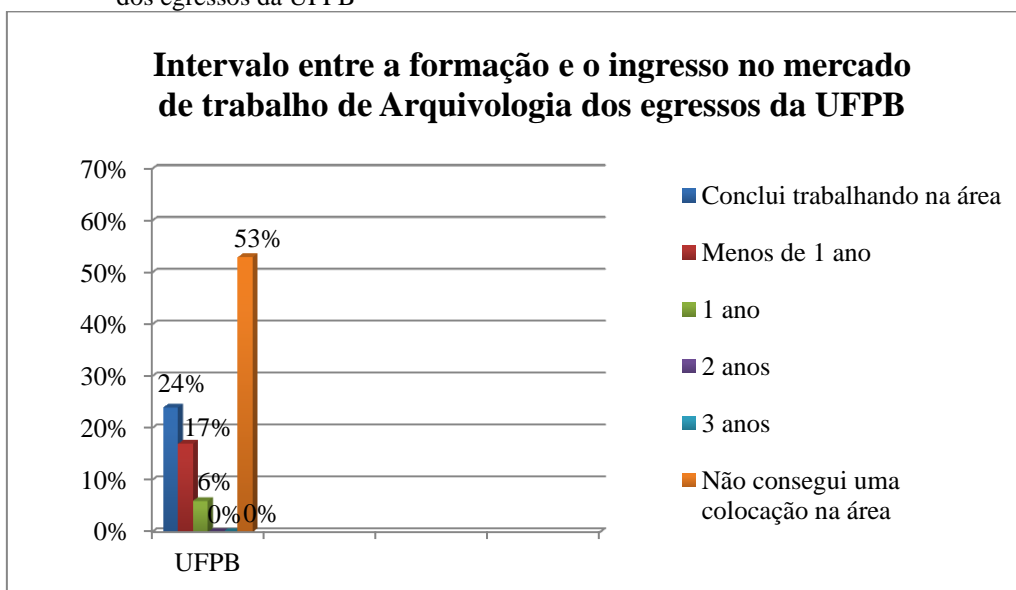


Fonte: Dados desta pesquisa

Conforme o gráfico, 22% ingressaram na área enquanto cursavam Arquivologia; 24% em menos de 1 (um) ano; outros 24% no decorrer de 3 anos, e 10% não conseguiram uma inserção no mercado enquanto Arquivistas.

Na questão seguinte trataremos a mesma questão, dessa vez, voltada para os egressos da UFPB.

Gráfico 15: Intervalo entre a formação e o ingresso no mercado de trabalho de Arquivologia dos egressos da UFPB

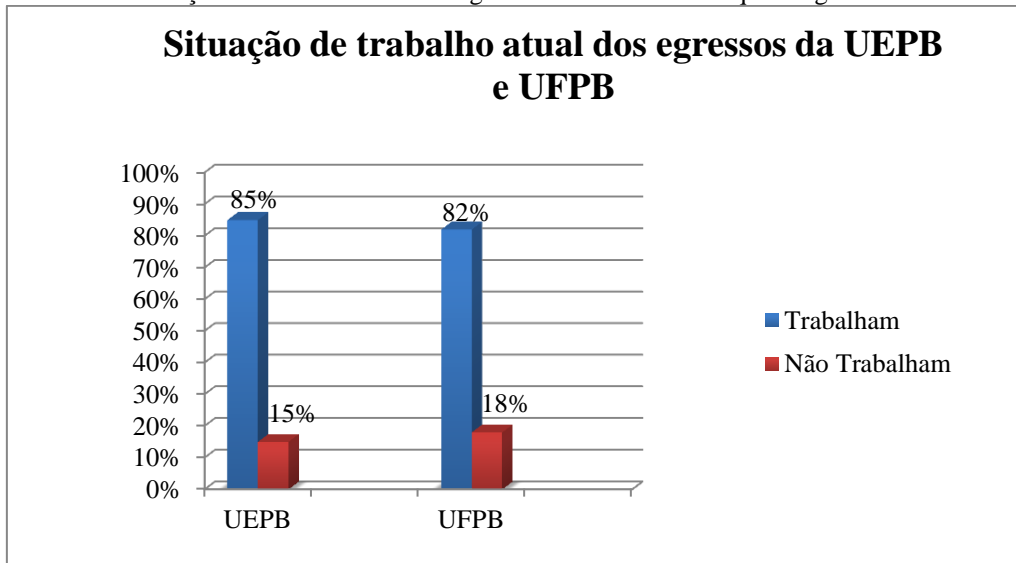


Fonte: Dados desta pesquisa

O percentual dos egressos da UFPB que ainda não conseguiram uma colocação na área é enorme, são 53%, contudo compreensível, tendo em vista que uma boa parcela destes, concluiu o curso em 2014. Do restante, 24% concluíram já trabalhando na área; 17% ingressaram em 3 (três) anos, e 6% em 1 ano.

O gráfico seguinte traz a situação de trabalho atual desses egressos.

Gráfico 16: Situação de trabalho atual dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB

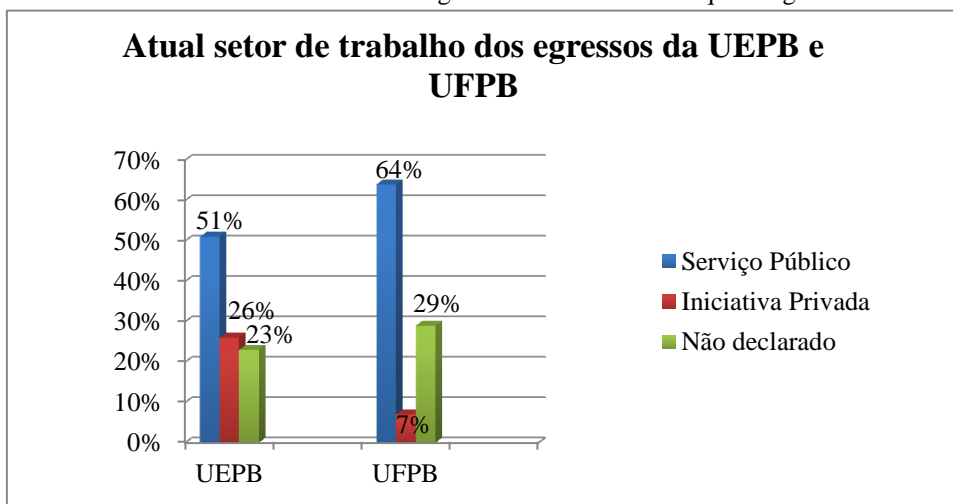


Fonte: Dados desta pesquisa

O presente gráfico nos mostra que a maioria dos egressos de ambas as universidades encontram-se formalmente empregados. Temos da UEPB 85% e da UFPB 82%.

Na próxima questão procuramos perceber o local de trabalho desses egressos.

Gráfico 17: Atual setor de trabalho dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB



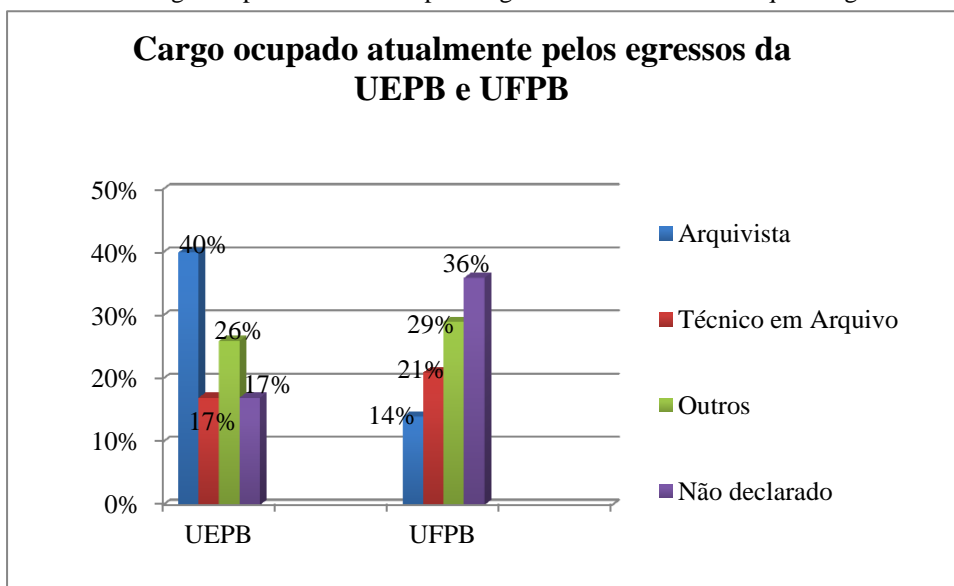
Fonte: Dados desta pesquisa

De acordo com o gráfico, 64% dos egressos oriundos da UFPB são servidores públicos, e 7% trabalham na iniciativa privada.

Da UEPB, 51% estão atuando no serviço público e 26% no setor privado. Somando os percentuais dos respondentes de ambas as universidades que não informaram seus setores, temos um total de 52%.

A questão subsequente nos mostra os cargos ocupados pelos egressos.

Gráfico 18: Cargo ocupado atualmente pelos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB



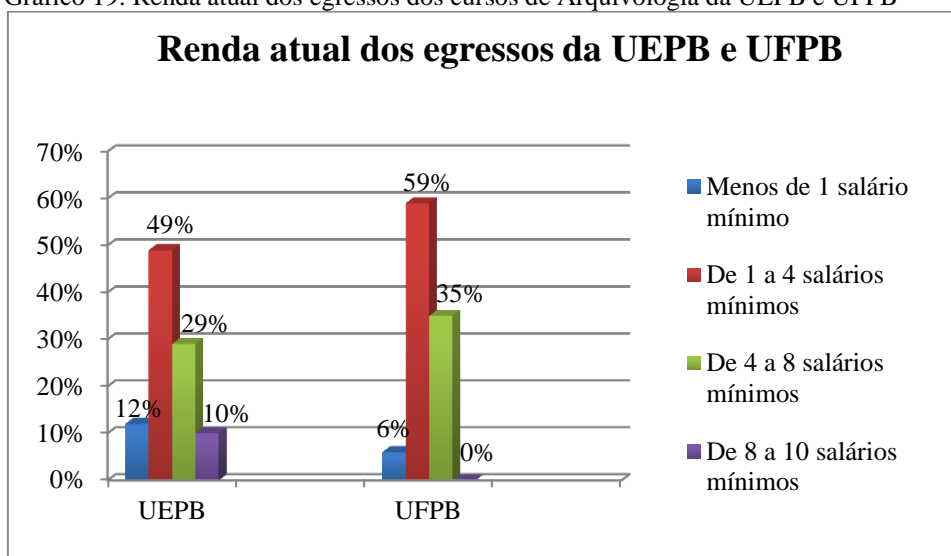
Fonte: Dados desta pesquisa

Observamos que 40% dos egressos da UEPB exercem o cargo de Arquivista e 17% o de técnico em arquivo. Na categoria *outros* temos 26% dos quais ocupam cargos como: consultores, assistentes e técnicos administrativos, vendedores, atendentes, carteiros e agentes comunitários de saúde.

Da UFPB, 14% dos egressos são Arquivistas e 21% técnicos em arquivo. Dos 29% que ocupam a categoria *outros*, temos: técnicos administrativos, secretários, policiais militares e técnicos em sistema de informação.

No gráfico seguinte traremos a renda atual dos egressos das duas universidades.

Gráfico 19: Renda atual dos egressos dos cursos de Arquivologia da UEPB e UFPB



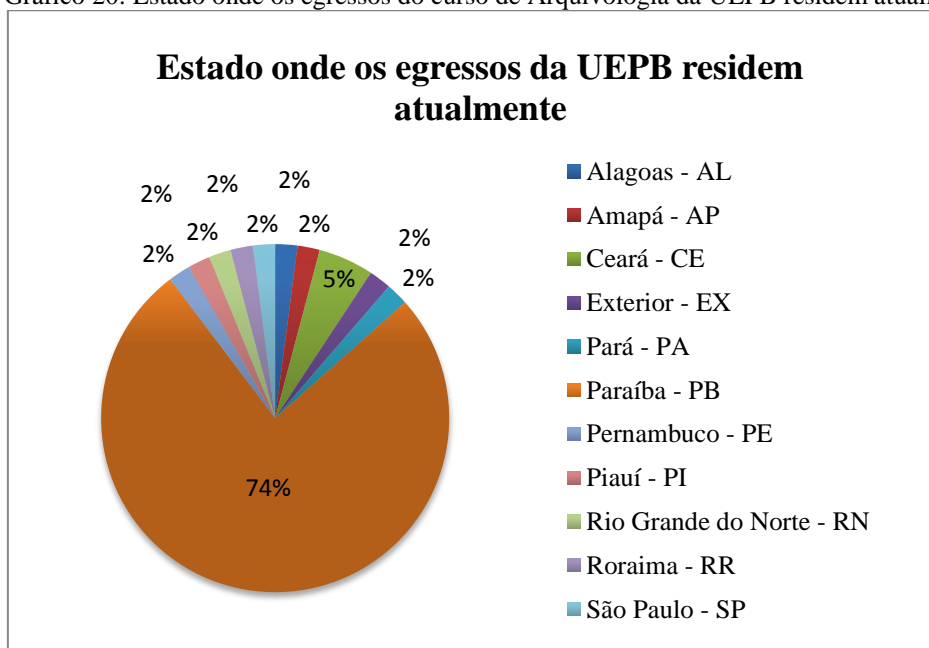
Fonte: Dados desta pesquisa

Como observamos no gráfico, 49% dos egressos da UEPB têm uma renda mensal entre 1 e 4 salários mínimos; 29% renda de 4 a 8 salários mínimos, e 10% rendimentos de 8 a 10 salários mínimos.

Dos egressos da UFPB que recebem de 1 a 4 salários mínimos, temos o percentual de 59%, e de 4 a 8 salários mínimos, 35%. Diferente da UEPB, a respeito da categoria renda de 8 a 10 salários mínimos, nenhum respondente se enquadra.

Na questão seguinte traremos o estado onde atualmente residem os egressos da UEPB.

Gráfico 20: Estado onde os egressos do curso de Arquivologia da UEPB residem atualmente

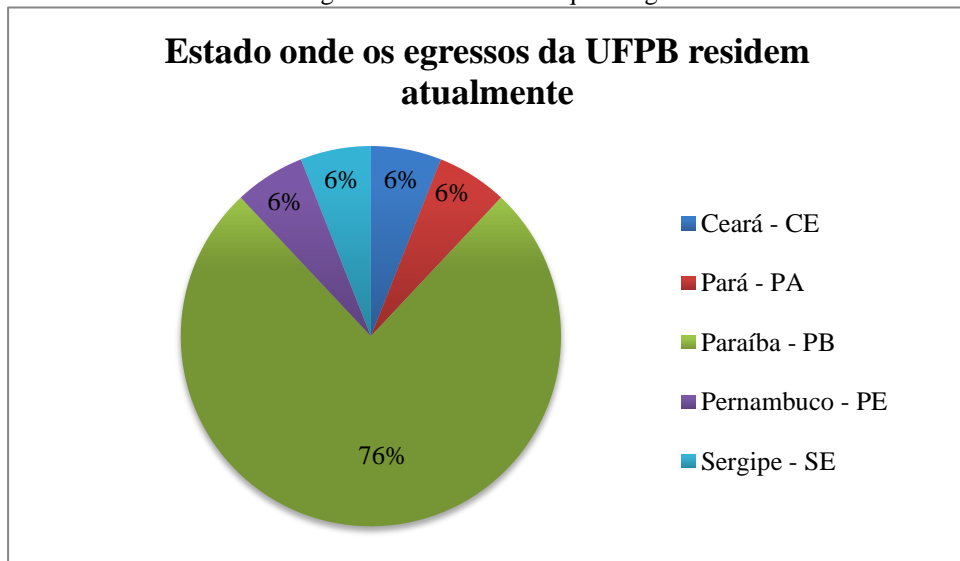


Fonte: Dados desta pesquisa

Conforme os dados do gráfico, 74% dos egressos da UEPB residem atualmente na Paraíba; 5% no Ceará; os 2% restante estão no exterior cursando o doutorado. Salientamos alguns egressos mudaram-se de estado em razão de terem sido aprovados em concursos públicos.

Em seguida veremos onde estão residindo atualmente os egressos da UFPB.

Gráfico 21: Estado onde os egressos do curso de Arquivologia da UFPB residem atualmente



Fonte: Dados desta pesquisa

De acordo com o gráfico em questão, 76% dos egressos da UFPB residem atualmente na Paraíba, percentual muito próximo ao da UEPB. Os outros 24% estão espalhados entre CE, PA, PE e SE, todos concursados.

CAPITULO VI
SEGUNDA ETAPA DA METODOLOGIA:
ANÁLISE DE CONTEÚDO

6 SEGUNDA ETAPA DA METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Sobre a análise de conteúdo, Bardin (1977, p. 38) nos diz que se trata de:

[...] um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não).

Berelson (1952, p. 13) por sua vez, nos mostra que é "uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações". Franco (2005, p. 13), por sua vez, sinaliza que o ponto de partida da análise de conteúdo é a **mensagem**, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.

Segundo Bardin (2011) a análise de conteúdo é dividida em três fases essenciais: *pré-análise*, *exploração do material e tratamento dos resultados* - que dá origem a *inferência* e a *interpretação*, onde Godoy (1995, p. 6), relata que embora estas fases devam ser seguidas, existem várias maneiras de conduzi-las, de modo que as comunicações e o objeto de análise podem ser abordados de diferentes formas. As unidades de análise também podem variar: alguns pesquisadores optarão pela palavra, outros preferirão as sentenças, parágrafos e, até mesmo, o texto. A forma de tratar tais unidades também se diferencia. Enquanto alguns contam as palavras ou expressões, outros buscam desenvolver a análise da estrutura lógica do texto ou de suas partes, e outros, ainda, focam sua atenção em temáticas determinadas. É importante perceber que a análise documental pode ser utilizada também como uma técnica complementar, validando e aprofundando dados obtidos por meio de entrevistas, questionários e observação.

A primeira fase, a *pré-análise*, é tida como o momento de estruturação. Nela deve ser estabelecido um esquema de trabalho que prime pela precisão e utilize procedimentos bem delineados, porém flexíveis. Conforme Bardin (2011), nesse primeiro momento ocorre à "*leitura "flutuante"*", ou seja, o primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise. Deve-se iniciar o trabalho determinando quais documentos serão analisados. No caso do instrumento de pesquisa - questionário (apêndice A), transcreve-se as respostas que precisarão seguir 5 (cinco) regras: *exaustividade* (esgotando-se a totalidade da comunicação); *representatividade* (a amostra da pesquisa tem que representar o universo); *homogeneidade*

(os dados precisam fazer referência ao mesmo tema, sendo obtidos pelas mesmas técnicas e através de indivíduos semelhantes); *pertinência* (os documentos deverão estar de acordo com o assunto e objetivo da pesquisa) e *exclusividade* (os elementos devem ser classificados em uma única categoria).

No momento seguinte, escolhem-se as categorias, que serão originados das questões norteadoras ou hipóteses levantadas, onde sua organização será feita através de indicadores ou temas. Os temas com incidências frequentes serão recortados “[...] em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registro dos dados” (BARDIN, 2011, p.100).

Na segunda fase, a da *exploração do material*, escolhe-se as unidades de codificação, utilizando alguns procedimentos, entre eles o de *categorização*, que possibilita a reunião de uma infinidade de informações provenientes de uma esquematização, onde se faz as correlações entre as classes identificadas e depois a ordenação destas, como define Câmara (2013, p. 7). Ainda a esse respeito tem-se que: “A *categorização* é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos.” (FRANCO, 2005, p. 57).

Nessa perspectiva, Bardin (2011) acrescenta que as categorias podem obedecer ao conceito presente no referencial teórico ou ser originadas das informações presentes no tema da pesquisa. Tanto o título quanto as categorias devem estar registrados nos quadros matriciais onde serão apresentados os resultados obtidos.

Câmara (2013, p. 10) nos mostra que na terceira e última fase está o *tratamento dos resultados* e as consequentes *inferências* e *interpretações*, onde o pesquisador buscará torná-los significativos e válidos. Esta interpretação deverá ir além do conteúdo manifesto dos documentos, pois, é interessante para o pesquisador o conteúdo oculto, não aparente, que se encontra por trás do imediatamente apreendido. A autora complementa afirmando que:

As interpretações a que levam as inferências serão sempre no sentido de buscar o que se esconde sob a aparente realidade, o que significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer, em profundidade, certas afirmações, aparentemente superficiais. (CÂMARA, 2013, p. 10).

No presente trabalho, as definições das categorias foram feitas a partir das questões norteadoras, já as subcategorias vinculadas às categorias, também chamadas de indicadores ou temas, foram originadas a partir dos discursos dos respondentes, seguindo o que indica Mendes, A. N. (2007, p.46): “o nome e a definição devem ser sempre criados com base nos

conteúdos verbalizados e com certo refinamento gramatical de forma. Às vezes, o nome da categoria é uma fala do sujeito”.

Salientamos que os respondentes oriundos da **UEPB** serão representados pela letra **A** em todas as transcrições de suas falas, e os da **UFPB**, pela letra **B**.

As porcentagens que apresentaremos ao longo da análise, foram calculadas a partir da frequência (incidência) dos temas presentes nos discursos, que deram origem às subcategorias, e não a partir do número de respondentes.

Em todo o processo que envolveu a construção das categorias e subcategorias, procuramos preservar as falas dos egressos, conforme mostram os próximos quadros.

6.1 RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A seguir, apresentaremos os resultados das questões abertas, organizadas em quadros por meio da técnica de categorização das respostas, presente no método de análise de conteúdo de Bardin (2011).

6.1.1 SOBRE OS MOTIVOS DOS EGRESSOS PARA A ESCOLHA DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA

Na *Categoria Motivação* analisaremos a perspectiva dos respondentes da UEPB e UFPB quanto às razões que os levaram a escolherem o curso de Arquivologia. Desse modo, solicitamos que nos apresentassem 3 (três) razões. Após uma leitura exaustiva, analisamos a relação de incidência das respostas através de 9 (nove) subcategorias, conforme observamos no Quadro 3, onde estão também presentes as transcrições dos discursos de alguns respondentes.

Quadro 4: Razões dos egressos da UEPB e UFPB para escolha do curso

CATEGORIA: MOTIVAÇÃO	
SUBCATEGORIAS	TRANSCRIÇÕES
MERCADO DE TRABALHO	A9: "Mercado de trabalho amplo."
	A15: "Mercado de trabalho promissor."
	A16: "Oportunidade no mercado de trabalho."
	A22: "Mercado de trabalho abrangente."

	B1: "Mercado de trabalho em expansão."
	B12: "Mercado de trabalho, campo ascendente."
	B14: "A emergência e amplitude do mercado de trabalho."
	B15: "Inserção rápida no mercado de trabalho."
CONCURSO PÚBLICO	A4: "Pela possibilidade de emprego efetivo na esfera pública."
	A6: "Maior possibilidade de ingressar no serviço público para cargos de nível superior."
	A8: "Área boa para concursos."
	A10: "Por existir concursos."
	A13: "Ótima para concursos."
	A29: "Crescente número de concursos."
	A30: "Possibilidade de concursos."
	A31: "Área em expansão, sobretudo, através de Concursos Públicos."
	A38: "Perspectiva de concurso público."
	A39: "Abertura para concursos."
	B1: "Concurso."
	B4: "A aparição do curso diante dos concursos da época."
	B5: "Concursos Públicos."
	B15: "Possibilidade de realizar concursos na área."
NOVIDADE	A13: "Área nova, pouco conhecida."
	A14: "Um curso novo."
	A18: "O pioneirismo da área."
	A21: "Por ser uma área nova."
	A24: "Curso novo na Paraíba."

	B4: "Por ser um curso novo ."
	B8: " Área nova , visualizei oportunidades."
HISTÓRIA	A2: "Cursava História na UFPB e participava de Projetos de organização e pesquisa em acervos Documentais."
	A19: "Contato com a área na graduação em história na UFPB."
	A23: "Gostar de História ."
	A29: "Aproximação com a área de história que gosto."
	A35: "Relacionar minha outra Formação a História com a Arquivologia."
	A39: "Atribuição de ligação próxima com a história ."
	B10: "Afinidade com métodos, documentação e historiografia ."
MELHOR OPÇÃO	A11: " Não me identifiquei com os outros dois cursos (Biologia e Relações internacionais) que a UEPB oferecia."
	A12: " Entre as opções da UEPB em João Pessoa foi o que mais me agradou [...]"
	A23: "Ser a opção que me agradava na UEPB."
	A24: " Dos cursos oferecidos , o único que me chamou atenção."
	A25: " Único curso que se encaixava com o meu perfil no Campus V da UEPB."
	A34: "Conveniência, por ser o curso que mais se encaixava no meu perfil dentre os oferecidos pela UEPB em João Pessoa."
	A38: " Melhor Opção na UEPB."
	A40: " Falta de opção na UEPB campus V."
	B14: "(O vestibular Reuni oferecia apenas Arquivologia e Música como curso de humanas. Fiz o Reuni para testar os conhecimentos para o vestibular no final do ano e acabei escolhendo Arquivologia , já que não tinha afinidade com Música e com os curso de exatas)."
IDENTIFICAÇÃO	A20: "Porque me identifiquei ."

	A22: "É da área de humanas e sempre gostei de documentos, antiguidades e tecnologia."
	A25: " Gostei da descrição do curso."
	A26: "Achei interessante ."
	A32: " Interesse na área."
	B1: " Me identifiquei com o fluxograma do curso."
	B4: "Por sempre ter o perfil , gosto de tudo na ordem."
	B13: "No decorrer do curso, interesse e início de uma paixão ."
	B15: " Afinidade com o curso , pois cursei um outro curso da mesma área."
CONCORRÊNCIA	A22: "Foi mais fácil passar no vestibular."
	A34: "Na época era o curso mais fácil de ingressar."
	B5: "Baixa concorrência no vestibular."
	B9: " Facilidade no ingresso."
INFLUÊNCIA	A3: " Amigos também prestaram Vestibular para o mesmo curso."
	A16: " Influência familiar."
	A22: " Um professor da UFBA me incentivou a fazer [...]"
	B2: "Minha mãe queria."
	B3: " Indicação de profissionais."
CURSO SUPERIOR	A13: "Conseguir alcançar uma graduação ."
	A38: "Necessidade de um diploma de curso superior ."
	A40: "Possibilidade de cursar ensino superior ."
	B3: "Desejo de ingressar no ensino superior ."
	B7: "Desejo de cursar algo em nível superior ."
	B13: "Inicialmente a necessidade de um curso superior ."

Fonte: Dados da pesquisa

6.1.2 CATEGORIA MOTIVAÇÃO

Nesta categoria apresentamos 9 (nove) subcategorias: *Mercado de Trabalho, Concurso Público, Novidade, História, Melhor Opção, Identificação, Concorrência, Influência e Curso Superior.*

Na subcategoria *Mercado de Trabalho* percebemos que os discursos dos egressos da UEPB e UFPB são análogos, mantendo o foco na abrangência do mercado de trabalho. Apenas o **B15** traz um olhar mais voltado para a rapidez na inserção desse mercado, assim, ele acredita que o Curso de Arquivologia proporciona celeridade nesse ingresso.

Em termos percentuais equivale dizer que 19% das respostas referentes à essa subcategoria são oriundas dos egressos da UEPB e 22% dos da UFPB.

A subcategoria *Concursos Públicos* está relacionada à possibilidade de ingresso no serviço público através de concursos para área. A percepção dos egressos da UEPB é a de que se trata de uma ótima área para concursos por sua abrangência, enquanto que os da UFPB, enxergam apenas o concurso em si, sem fazerem associações com quantitativo ou possibilidades de crescimento de certames, como podemos observar através das falas do **B1** e do **B5**. Percentualmente, 16% das respostas dos egressos da UEPB e 19% dos da UFPB referem-se à subcategoria em questão.

Tratando-se da subcategoria *Novidade*, às respostas dos egressos de ambas as universidades se assemelham. Elas nos mostram que a opção de cursar Arquivologia deu-se em detrimento de seu pioneirismo em nosso estado, como aponta o **A18**: Sendo um curso novo na Paraíba, têm-se a perspectiva de boas oportunidades, como nos fala o **B8**: "**Área nova**, visualizei oportunidades." Nessa subcategoria temos 11% das respostas dos egressos da UEPB e 5% da UFPB.

A subcategoria *História* tem duas vertentes. A primeira, diz respeito aos egressos da UEPB que tiveram contato com a Arquivologia quando cursavam História - o que podemos visualizar na fala do **A19**: "Contato com a área na graduação em **história** na UFPB." A segunda, refere-se aos que gostam de História e viram na Arquivologia a possibilidade de integração, tendo em vista, tratar-se de uma área multidisciplinar, conforme nos mostra a fala do **A29**: "Aproximação com a área de história que gosto." **A35**: "Relacionar minha outra Formação a História com a Arquivologia."

Quanto à percepção dos egressos da UFPB sobre a subcategoria em questão, aponta para a afinidade com os métodos, ou seja, com as práticas presentes na História que também fazem parte da Arquivologia, conforme a fala do **B10**: "Afinidade com métodos,

documentação e historiografia." Em termos percentuais temos 10% das falas dos egressos da UEPB e 3% da UFPB incidindo nessa subcategoria. Em termos percentuais temos 10% das falas dos egressos da UEPB e 3% da UFPB incidindo nessa subcategoria.

Na *subcategoria Melhor Opção*, as respostas dos egressos da UEPB e UFPB também são semelhantes. Trata-se de egressos que decidiram cursar Arquivologia por terem considerado a melhor alternativa dentre as ofertadas, como nos mostra o **A12**: "**Entre as opções** da UEPB em João Pessoa foi o que mais me agradou [...]" e **A23**: "Ser a **opção** que me agradava na UEPB."

A respeito da UFPB, podemos perceber que a perspectiva foi a mesma, como observamos através da fala do **B14**: "(O vestibular Reuni oferecia apenas Arquivologia e Música como curso de humanas. Fiz o Reuni para testar os conhecimentos para o vestibular no final do ano e **acabei escolhendo Arquivologia**, já que não tinha afinidade com Música e com os curso de exatas)." Nessa subcategoria temos 14% de incidência das respostas dos egressos da UEPB e 8% da UFPB.

Sobre a *subcategoria Identificação*, esta diz respeito aos que escolheram a Arquivologia por afinidade, interesse. Nesse sentido, temos as respostas mais genéricas: **A26**: "Achei **interessante**"; **A32**: "**Interesse** na área"; e as mais específicas, como as presentes nos discursos dos egressos da UFPB: **B4**: "Por sempre **ter o perfil**, gosto de tudo na ordem" e a do **B13**: "No decorrer do curso, interesse e **início de uma paixão**." Quantificando a incidência nessa subcategoria, temos 15% das respostas da UEPB e 27% da UFPB.

A *subcategoria Concorrência* possui olhares muito próximos dos egressos de ambas as universidades. Ela aponta para a "facilidade no ingresso", tendo em vista, a pontuação necessária para a aprovação ser inferior em comparação com outros cursos que possuem uma maior procura. É o que nos mostra os discursos do respondente **A34**: "Na época era o curso **mais fácil** de ingressar" e a do **B5**: "Baixa **concorrência** no vestibular." Nesta *subcategoria* temos 5% das respostas da UEPB e 3% da UFPB.

A respeito da *subcategoria Influência*, temos os egressos da UEPB e UFPB que escolheram o curso por indicação de alguém ou por influência de amigos e/ou familiares. É o que nos mostra as seguintes falas: **A3**: "**Amigos** também prestaram Vestibular para o mesmo curso"; **A16**: "**Influência** familiar"; **B2**: "Minha **mãe** queria"; **B3**: "**Indicação** de profissionais." Fica visível como a influência de parentes, amigos, profissionais, pode ser determinante para as escolhas profissionais. Temos para essa *subcategoria* 5% das respostas dos egressos da UEPB e 8% da UFPB.

Por último, vinculada à *categoria Motivação*, temos a *subcategoria Curso Superior*, que aponta para dois aspectos comuns aos respondentes da UEPB e da UFPB: os que ingressaram na Arquivologia porque queriam ter um curso superior, como observamos no discurso do **B3**: "Desejo de ingressar no **ensino superior**", e os que sentiram a necessidade de terem uma graduação, conforme o **A38**: "Necessidade de um diploma de **curso superior**." A linha que separa esses dois aspectos é bastante tênue, vontade x necessidade, contudo, possui o mesmo objeto como motivação, o diploma. Assim, temos o percentual de 4% das respostas da UEPB e de 5% da UFPB.

6.2 SOBRE A SATISFAÇÃO DOS EGRESSOS A RESPEITO DA PROFISSÃO DE ARQUIVISTA

No que tange à realização profissional, buscamos saber dos egressos da UEPB e UFPB se estão satisfeitos com a profissão escolhida e a razão para tal. Ao analisarmos a percepção destes, depreendemos a existência de duas *categorias*: a dos *Satisfeitos* e a dos *Insatisfeitos*, que serão apresentadas nos Quadro 4 e Quadro 4.1, respectivamente. As analogias presentes nas falas dos respondentes fomentaram as subcategorias presentes nos referidos quadros.

Quadro 5: Satisfação dos egressos da UEPB e UFPB

CATEGORIA: SATISFEITOS	
SUBCATEGORIAS	TRANSCRIÇÕES
GOSTO PELA ÁREA	A8 : "Estou sim, pois não me identifiquei com nenhuma outra ."
	A9 : "Com certeza, amo trabalhar na área da informação e documentação."
	A23 : "Muito. Me identifiquei com a profissão ainda quando estava cursando."
	A33 : "Extremamente satisfeito. Quando entrei na universidade para cursar Arquivologia eu não tinha muita certeza se era aquilo mesmo que eu queria, porém no decorrer do curso fui percebendo que eu estava cada vez mais envolvido com a carreira que poderia construir. Fui me apaixonando cada vez mais e hoje, arquivista que sou, não trocaria por nada nesse mundo a minha profissão."
	B5 : "Sim, muito satisfeita . <i>Gosto de trabalhar com arquivos</i> e o aprendizado é constante."

	B13: "Sim, muito satisfeito . Primeiro porque gosto do que escolhi e do que faço, e venho encontrando facilidades na instituição para a aplicação do que aprendi e apreendi na minha caminhada acadêmica, na literatura da área, com meus companheiros de profissão em outras IFES e na experiência adquirida na aplicação dos conhecimentos no emprego anterior."
RELEVÂNCIA DO TRABALHO	A7: "Sim. Amo o que faço e sei da importância do meu trabalho para a sociedade ."
	A12: "Sim. [...] O curso de Arquivologia me fez ver que nós arquivistas não lidamos apenas com "papéis velhos" como dizem algumas pessoas, nós lidamos com a história, com a cultura, com a memória, somos nós, muitas vezes, os responsáveis por toda uma vida, uma história, de uma instituição ."
	A34: "Percebo a importância para a sociedade , para a memória, para a história e para a cultura em todos os aspectos do meu trabalho como arquivista, isso me faz me sentir realizado!"
	B17: "Sim. Por ser uma atividade dinâmica e que proporciona uma verdadeira colaboração direta com o bem estar da população ."
CONQUISTAS PROFISSIONAIS	A2: "Sim. Embora tenha duas graduações, foi a Arquivologia me trouxe amplas possibilidades profissionais e um emprego com maior possibilidade de estabilidade em relação a outros que já tive."
	A6: "Sim, apesar do pouco tempo de formada já obtive bons frutos e sei que se houver dedicação e coragem para enfrentar os desafios da carreira conseguiremos ser profissionais realizados. [...]"
	A13: "Sim, pois me abriu portas . Durante o tempo que exerci a função de Arquivista em meu órgão, fui bastante feliz e obtive êxitos no trabalho. No momento estou lotada no Setor de Auditoria do SUS, pois fui aprovada em seletivo interno."
	A26: "Estou satisfeito, uma vez que foi a arquivologia que me propiciou adentrar no mercado de trabalho, e atualmente feliz por ter tido a experiência na iniciativa privada e agora estou tendo no setor público . Tendo o contato com realidades diferentes."
	B1: "Sim. Pois me inseri rapidamente no mercado de trabalho, primeiro como estagiária , depois como profissional e hoje sou servidora pública na área [...]"
	B10: "Sim. O curso me deu oportunidade de inovação do meu conhecimento e grandes oportunidades profissionais ."

Fonte: Dados da pesquisa

6.2.1 Categoria Satisfeitos

Nesta categoria apresentamos 3 (três) *subcategorias*: *Gosto pela Área*, *Relevância do Trabalho* e *Conquistas Profissionais*.

Na *subcategoria Gosto pela Área*, a percepção dos respondentes das duas instituições demonstra terem se interessado pela Arquivologia desde a graduação, resultando na enorme satisfação profissional que nos revela seus discursos. Esse contentamento é evidenciado em falas como a do **A23**: "Muito. **Me identifiquei** com a profissão ainda quando estava cursando" e do **B5**: "Sim, **muito satisfeita**. *Gosto de trabalhar com arquivos* e o aprendizado é constante." Aqui temos o percentual de 53% UEPB e 50% UEPB.

A *Subcategoria Relevância do Trabalho* nos traz discursos onde os egressos da UEPB e UFPB apontam como razão para sua satisfação, o exercício profissional em prol da sociedade, conforme as falas do **A34**: "Percebo a **importância para a sociedade**, para a memória, para a história e para a cultura em todos os aspectos do meu trabalho como arquivista, isso me faz sentir realizado!" e do **B17**: "Sim. Por ser uma atividade dinâmica e que proporciona uma verdadeira **colaboração** direta **com o bem estar da população**."

Vemos que o trabalho voltado para a responsabilidade social contribui para a realização dos respondentes em questão. Será uma ressonância da formação? Associado a esta subcategoria estão 28% de incidência nos discursos dos egressos da UEPB e 21% da UFPB.

Tratando-se da *subcategoria Conquistas Profissionais*, percebemos que a Arquivologia propiciou para alguns egressos de ambas as instituições grandes conquistas, oportunizando para alguns o ingresso no mercado de trabalho, e contribuindo com a transição da iniciativa privada para o serviço público, como nos mostra a seguinte fala - **B1**: "Sim. Pois me inseri rapidamente no mercado de trabalho, **primeiro como estagiária**, depois como profissional **e hoje sou servidora pública** na área [...]" Esse discurso é semelhante aos dos egressos da UEPB, que acabam apresentando uma perspectiva bem próxima, segundo a fala do **A26**: "Estou satisfeito, uma vez que foi a Arquivologia que me **propiciou** adentrar no mercado de trabalho, e atualmente feliz por ter tido **a experiência na iniciativa privada e agora** estou tendo **no setor público**. Tendo o contato com realidades diferentes." Temos 19% das respostas associadas aos respondentes da UEPB e 29% da UFPB.

6.3 SOBRE A INSATISFAÇÃO DOS EGRESSOS A RESPEITO DA PROFISSÃO DE ARQUIVISTA

Na *categoria Insatisfeitos*, analisaremos o descontentamento dos respondentes da UEPB e UFPB com a profissão de Arquivista, onde através de seus discursos, percebemos a incidência de 1 (uma) *subcategoria*, como veremos no quadro a seguir.

Quadro 6: Insatisfação dos egressos da UEPB e UFPB

CATEGORIA: INSATISFEITOS	
SUBCATEGORIAS	TRANSCRIÇÕES
OPORTUNIDADE ESCASSA	A25: "Não. [...] O mercado de trabalho é pequeno , dificilmente há concursos na área, quando tem, as vagas oferecidas são poucas, muitas vezes o profissional não é convocado. Por este motivo, estou procurando uma nova formação acadêmica."
	B4: " Não fiquei satisfeita após a conclusão do curso por que não consegui me inserir no mercado de trabalho, assim como meus colegas de turma. As oportunidades do profissional são poucas. Continuo estudando para que esses cinco anos de estrada tenha valido a pena mais já estou fazendo um curso em outra área."

Fonte: Dados da pesquisa

6.3.1 Categoria Insatisfeitos

Nesta *Categoria* apresentamos 1 (uma) *Subcategoria: Oportunidade Escassa*, onde egressos de ambas as universidades apontam o panorama das poucas oportunidades de trabalho como contributo para este descontentamento. **A25:** "Não. [...] O **mercado de trabalho é pequeno**, dificilmente há concursos na área, quando tem, as vagas oferecidas são poucas, muitas vezes o profissional não é convocado. Por este motivo, estou procurando uma nova formação acadêmica" e da UFPB, representado pelo **B4:** "**Não fiquei satisfeita** após a conclusão do curso por que não consegui me inserir no mercado de trabalho, assim como meus colegas de turma. As oportunidades do profissional são poucas. Continuo estudando para que esses cinco anos de estrada tenha valido a pena mais já estou fazendo um curso em outra área." Percebemos como consequência desta insatisfação, egressos partindo para outras áreas de atuação profissional. Percentualmente temos 27% de incidência das falas dos egressos da UEPB e 100% da UFPB sobre esta subcategoria.

6.4 SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS EGRESSOS PARA INGRESSAREM NO MERCADO DE TRABALHO

Aqui buscamos perceber dos egressos da UEPB e UFPB quais foram as barreiras encontradas para conseguirem ingressar no mercado de trabalho da área, enquanto profissionais Arquivistas. Nesse sentido, solicitamos que nos apontassem as 3 (três) maiores dificuldades, que serão representadas no quadro a seguir, através das subcategorias identificadas por meio de sua incidência nos discursos dos respondentes.

Quadro 7: Dificuldades enfrentadas pelos egressos da UEPB e UFPB

CATEGORIA: DIFICULDADES	
SUBCATEGORIAS	TRANSCRIÇÕES
DESCONHECIMENTO	A1: "Creio que as maiores dificuldades são falta de conhecimento pelas instituições."
	A2: " Falta de conhecimento do Mercado de trabalho sobre o Profissional de arquivologia"
	A4: "O desconhecimento do profissional e das funções do arquivista."
	A5: " Não havia/há conhecimento por parte da sociedade da existência do curso."
	A10: " Falta de conhecimento das pessoas sobre o que um profissional de arquivologia faz."
	A32: " Desconhecimento por parte de gestores e empresários sobre o curso, legislação nacional e internacional [...]"
	B8: " Falta de conhecimento sobre a profissão e o profissional."
	B14: "O desconhecimento da existência do profissional."
VAGAS	B17: " Pouco conhecimento sobre a existência da área arquivística."
	A19: "Concursos públicos com poucas vagas ."
	A27: "Nos concursos, quando há vagas para Arquivistas, disponibilizam 1 vaga ."
	A36: " Pouquíssimas vagas para concursos públicos."

	A38: "Falta de vagas no mercado de empresas privadas."
	B5: "Poucas vagas nas empresas."
	B7: "Pouca oferta, poucas vagas."
	B17: "Poucas vagas de concurso, poucas vagas em empresas privadas."
REMUNERAÇÃO	A4: "[...] remunerações não compatíveis."
	A7: "Baixos salários."
	A15: "[...] empresas que querem lhe pagar apenas um salário mínimo."
	A19: "A insistência das empresas em querer pagar com mão de obra barata."
	A36: "Baixíssimos salários oferecidos no setor privado."
	B8: "Baixos salários na região na área privada."
DESVALORIZAÇÃO	A9: "Falta de valorização por parte das empresas privadas."
	A10: "[...] A não valorização do arquivo."
	A14: "A não valorização do trabalho arquivístico."
	A18: "Desvalorização da atividade arquivística."
	A25: "Não valorização da mão de obra do Profissional de Arquivo."
	A31: "Desvalorização do espaço arquivo enquanto ferramenta de apoio institucional/ administrativa."
	A36: "Falta de valorização do profissional."
	B1: "A desvalorização da nossa área."
	B5: "O curso não é valorizado."
DIVULGAÇÃO	A6: "Pouca divulgação do curso."
	A28: "Divulgação baixa do curso e da importância dele para o mercado e para a sociedade."

	B1: "A falta de divulgação da nossa área."
	B5: "O curso não é divulgado."
OUTROS PROFISSIONAIS	A10: "Profissionais de outras áreas ocupando o lugar que deveria estar o arquivista."
	A12: "[...] vagas ser também distribuída para os cursos de Biblioteconomia."
	A14: "Ainda há muita confusão entre arquivista e bibliotecário."
	A32: " Dominação de atuação da área por profissionais de Biblioteconomia."
	A34: " Concorrência com profissionais de outros cursos, biblioteconomia por exemplo."
	A35: " Outros profissionais que realizam concurso para a Arquivologia."
	A40: "A inserção de outros profissionais atuando na área, tais como bibliotecários e profissionais de TI."
ENTIDADES REPRESENTATIVAS	B14: "A confusão do arquivista com o bibliotecário por parte das empresas e instituições públicas (no caso de concurso). (As empresas e instituições públicas acham que é o bibliotecário que trabalha em arquivo)."
	A23: "Por não termos conselhos estaduais [...]"
	A31: "Ausência de entidades representativas da profissão."
APROVAÇÃO	B10: "Inexistência de Conselho da classe ."
	A11: " Não tive dificuldades . Passei no concurso antes de terminar o curso."
	A16: " Não encontrei muita dificuldade , pois fui aprovada em concurso público antes de concluir o curso."
	A20: " Não tive grandes dificuldades para adentrar no mercado de trabalho."
	B13: " Não encontrei dificuldades . Terminei o curso no final do período 2013.1, prestei concurso em dezembro/2013 e efetivamente entrei em serviço em abril/2014."

6.4.1 Categoria Dificuldades

Nesta *Categoria* apresentamos 8 (oito) *Subcategorias*: *Desconhecimento*, *Vagas*, *Remuneração*, *Desvalorização*, *Divulgação*, *Outros Profissionais*, *Entidades Representativas* e *Aprovação*.

A primeira *subcategoria* intitulada de *Desconhecimento* demonstra através dos discursos dos egressos, que se configura como uma das maiores barreiras, desencadeando assim, as demais dificuldades apresentadas nas subcategorias a seguir. O desconhecimento por parte da sociedade tange à profissão, o profissional, o curso, à área, e às legislações arquivísticas, portanto, são pontos bem presentes nas falas dos respondentes da UEPB e UFPB, como podemos observar - **A2**: "**Falta de conhecimento** do Mercado de trabalho sobre o Profissional de arquivologia"; **A5**: "**Não** havia/há **conhecimento** por parte da sociedade da existência do curso"; **A32**: "**Desconhecimento** por parte de gestores e empresários sobre o curso, legislação nacional e internacional [...]"; **B8**: "**Falta de conhecimento** sobre a profissão e o profissional"; **B17**: "**Pouco conhecimento** sobre a existência da área arquivística." O percentual referente à frequência dessa *subcategoria* é de 23% para as respostas da UEPB e 24% para UFPB.

A *subcategoria Vagas* diz respeito ao baixo quantitativo disponibilizado no setor público e na iniciativa privada, como demonstra a fala do **A27**: "Nos concursos, quando há vagas para Arquivistas, **disponibilizam 1 vaga**" e do **B17**: "**Poucas vagas** de concurso, poucas vagas em empresas privadas." Percentualmente temos para essa *subcategoria* 22% das respostas dos egressos da UEPB e 16% da UFPB.

A *subcategoria Remuneração* se refere aos baixos salários oferecidos pela iniciativa privada. É o que nos mostra a fala do **A19**: "A insistência das empresas em querer **pagar como mão de obra barata**" e do **B8**: "Baixos salários na região na área privada." Temos 11% de respostas dos egressos da UFPB e 4% da UEPB incidentes nessa *subcategoria*.

A próxima *subcategoria* presente é chamada de *Desvalorização*, que por sua vez, é ocasionada pela sociedade que ainda não percebeu que o Arquivista:

[...] não é um simples trabalhador operacional, dentro de um órgão público ou de uma organização privada, que ali está só para passar papéis ou mídia eletrônica para as mãos dos interessados. Ele é um provedor da informação administrativa e jurídica. [...] Do arquivista depende a eficácia da recuperação da informação: sua uniformidade, ritmo, integridade, dinamismo de acesso, pertinência e precisão nas buscas, porque terá havido precisão na classificação, avaliação e descrição. Sua atuação - pode e muito - influir no processo decisório das organizações [...] (BELOTTO, p.5, 1989).

A respeito dos discursos referentes, temos: **A14**: "A não **valorização** do trabalho arquivístico"; **A36**: "**Falta de valorização** do profissional"; **A31** "**Desvalorização** do espaço arquivo enquanto ferramenta de apoio institucional/administrativa" e do **B1**: "A **desvalorização** da nossa área", que corroboram com a *subcategoria* em questão, onde, 22% da incidência das falas são oriundas dos egressos da UEPB e 28% da UFPB.

A *Subcategoria Divulgação* refere-se a fazer chegar ao conhecimento da sociedade informações inerentes ao curso e ao profissional Arquivista. Contudo, a inexistência/insuficiência da difusão dessas informações, acaba sendo apontada pelos egressos das duas universidades com uma barreira. É o que nos mostram as falas a seguir: **A6**: "**Pouca divulgação** do curso"; **B1**: "A **falta de divulgação** da nossa área". Temos 3% das respostas da UEPB e 8% da UFPB apontando para essa *subcategoria*.

Na *subcategoria Outros Profissionais*, os obstáculos apontados pelos egressos da UEPB e UFPB, dizem respeito ao equívoco constante inerente a não distinção por parte da sociedade sobre o profissional Arquivista e o Bibliotecário. É comum deduzirem que Bibliotecário e Arquivista são a mesma coisa, que desempenham as mesmas atividades, que possuem as mesmas atribuições. Os respondentes em seus discursos apontam que essa confusão acaba cooperando para que as vagas que deveriam ser destinadas a Arquivistas sejam ocupadas por profissionais de outras áreas, como os Bibliotecários. É o que nos mostram as falas a seguir: **A10**: "**Profissionais de outras áreas** ocupando o lugar que deveria estar o arquivista"; **A14**: "Ainda há muita **confusão** entre arquivista e bibliotecário"; **A32**: "Dominação de atuação da área por profissionais de Biblioteconomia"; **A40**: "A inserção de **outros profissionais** atuando na área, tais como bibliotecários e profissionais de TI." Os discursos do **A35**: "**Outros profissionais** que realizam concurso para a Arquivologia" e do **B14**: "A confusão do arquivista com o bibliotecário por parte das empresas e instituições publicas (no caso de concurso). (As empresas e instituições públicas acham que é o bibliotecário que trabalha em arquivo)", apontam que essa deturpação ocorre também no serviço público. A incidência de respostas dos egressos da UEPB sobre esta *subcategoria* é de 8% e da UFPB 4%.

A *subcategoria Entidades Representativas* diz respeito à ausência de conselhos e associações que lutem pela classe. A *subcategoria* em questão é apontada pelos respondentes da UEPB e UFPB como barreira para a inserção profissional. Como exemplo, temos as seguintes falas: **A23**: "Por não termos conselhos estaduais e associações"; **B10**: "Inexistência de Conselho da classe." É essencial para toda e qualquer classe profissional a existência de

representantes legais que defendam seus direitos e interesses. Em termos percentuais, 3% das respostas dos egressos da UEPB e 4% da UFPB, incidem nessa *subcategoria*.

Por fim, apresentamos a *subcategoria Aprovação*, onde se enquadram os egressos que demonstraram através de seus discursos, não terem encontrado dificuldades para ingressarem no mercado de trabalho da área. É o que vemos nas falas a seguir: **A11: "Não tive dificuldades.** Passei no concurso antes de terminar o curso"; **A16: "Não encontrei muita dificuldade,** pois fui aprovada em concurso público antes de concluir o curso"; **A20: "Não tive grandes dificuldades** para adentrar no mercado de trabalho" e **B13: "Não encontrei dificuldades.** Terminei o curso no final do período 2013.1, prestei concurso em dezembro/2013 e efetivamente entrei em serviço em abril/2014". Como podemos observar, trata-se dos egressos que conseguiram rapidamente ingressar no serviço público. Temos o percentual de 7% para os discursos dos egressos da UEPB e 12% para os da UFPB.

CAPÍTULO VII
CONSIDERAÇÕES FINAIS

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados de nossa pesquisa, foi possível depreender, de forma geral, que os Arquivistas oriundos de ambas as universidades são predominantemente do gênero feminino e em grande parte de naturalidade Paraibana, que vêm buscando cada vez mais, através da pós-graduação se tornar profissionais diferenciados.

A respeito da situação de trabalho atual, temos que mais de 80% encontra-se empregado, tendo destes, mais de 50% inseridos no mercado de trabalho da área, precisamente, no serviço público. O que nos levou a compreender, que o setor público, é atualmente o local onde os Arquivistas vem tendo maiores possibilidades de atuação. Além disso, pudemos verificar que uma parcela considerável dos egressos, precisou mudar de estado para conseguir uma colocação na área de formação. Nesse sentido, fica demonstrado que o mercado de trabalho de João Pessoa nos dois segmentos (público e privado) é bastante restrito.

Percebemos que devido ao fato de se tratar de um curso novo e às possibilidades de concursos para área, possibilitou o vislumbre de uma possível demanda no mercado da capital em decorrência da ausência/inexistência de profissionais formados e capacitados para atuarem à frente dos Arquivos, motivando-os assim, a optarem pelo curso de Arquivologia.

Observamos também a existência do grupo dos satisfeitos e dos insatisfeitos no que tange à profissão escolhida, compreendendo que a satisfação se dá por estarem atuando numa área com a qual se identificam, enxergando a relevância do trabalho que realizam em prol da sociedade. Os insatisfeitos, por sua vez, estão descontentes com a escassez das oportunidades de trabalho.

No que se refere às dificuldades encontradas para sua inserção no mercado de trabalho área, visualizamos o desconhecimento e a desvalorização profissional, o quantitativo ínfimo de vagas disponibilizadas, a divulgação deficiente do curso, a invasão de profissionais de outras áreas em seu campo de trabalho, além da ausência de entidades representativas. Em vista desses aspectos, inferimos que todas essas barreiras estão interligadas, já que a existência de uma, desencadeia a outra. Pois, sem a publicização adequada do curso e do profissional, a sociedade continuará desconhecendo e desvalorizando o Arquivista, que por sua vez, reflete no ínfimo quantitativo de vagas ofertadas, que, por conseguinte, leva o Arquivista a concorrer com profissionais de outras áreas, como por exemplo, os Bibliotecários, para ocupar um lugar que é seu por direito.

Indubitavelmente, a ausência de conselhos, associações e sindicatos, acaba enfraquecendo a categoria, que fica sem representantes legais que lutem pela classe. A existência dessas entidades poderia, por exemplo, coibir o desrespeito à Lei de nº 6.546, de 4 de julho de 1978, (que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências), através de um trabalho de fiscalização sobre os certames públicos, para assegurar que as vagas para Arquivista sejam preenchidas apenas por profissionais com curso superior na área, e não o contrário, como costumamos ver. Poderia também ajudar na divulgação das atribuições profissionais, para amenizar a confusão que existe de confundir Bibliotecário com Arquivista.

A criação de entidades representantes do arquivista se faz muito importante [...], pois elas protegem a profissão e oportunizam a criação de vagas a serem ocupadas por arquivistas, desde que qualificado. A criação de um sindicato, que visa melhorias nas condições de trabalho (como jornada e remuneração) em conjunto com o conselho de classe (que seria a melhor opção para os arquivistas) que regulamente a profissão por meio da orientação e fiscalização, poderia melhorar os salários oferecidos além de proteger os direitos do trabalhador instituídos por lei e autuar as empresas que não respeitam o arquivista permitindo que outros, sem qualificação, permaneçam realizando as funções que não são de sua competência. (VARGAS, 2012, p.46).

Levando-se em conta o que foi explanado, podemos concluir que o mercado de trabalho Paraibano ainda oferece resistência quanto à contratação de Arquivistas, principalmente a iniciativa privada. Apesar de seu papel não ter destaque nem reconhecimento merecidos, seu trabalho permanece indispensável e imprescindível para a gestão documental adequada e consequente disseminação informacional.

Face ao exposto, torna-se evidente a necessidade de mudança neste atual cenário - que seria bastante significativo para classe. Contudo, isso só se tornará possível quando os próprios Arquivistas unirem-se e buscarem meios de impetrarem campanhas de conscientização, tanto no seio das organizações as quais servem, quanto à sociedade, para que estes percebam a necessidade de sua presença à frente do capital informacional dos diversos segmentos de mercado.

Os resultados aqui apresentados, apenas apontam para o início de uma discussão que vem trazer contribuições para Arquivologia, a respeito do profissional e de sua inserção no mercado.

Através deste estudo, foi possível perceber aspectos da relação Arquivista/mercado de trabalho, possibilitando novas pesquisas, tanto em torno do profissional, quanto do Curso

de Arquivologia e, ainda, do impacto gerado pelo desconhecimento/desvalorização do profissional em questão.

Assim, a presente pesquisa respondeu aos objetivos estabelecidos, contextualizando os cursos de arquivologia no Brasil e no estado da Paraíba, apresentando o mercado de trabalho dos Arquivistas, delineando o perfil profissional dos egressos da UEPB e UFPB, especificando onde e como estes encontram-se inseridos, e levantando as dificuldades encontradas em sua inserção neste mercado.

Por fim, temos que o Arquivista deve estar consciente que o crescimento da profissão é uma responsabilidade social, mas que cabe a ele lutar por seu espaço incansavelmente, pois só assim, será possível romper com as barreiras existentes e quebrar os paradigmas ultrapassados, que fogem à realidade desse profissional. (MENDES, D. S. 2014, p. 69).

REFERÊNCIAS

BAHIA, E. M. S.; SEITZ, E. M. **Arquivista empreendedor**. Revista ACB, Florianópolis: ACB, Semestral, 2009. p. 451-467. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

_____. *L'Êre logique*. Paris: Robert Laffont, 1977.

BELLOTTTO, H. L. **Arquivologia: objetivos e objetos**. Arquivo: boletim Histórico e Informativo, São Paulo: [s.n.], v.10, n.2, p. 81-84, jul/dez. 1989.

BERELSON, B. Contentanalysis. In: **Communication Research**. New York: University Press, 1952.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v.?, N. 79, 25 de abril de 2007. Seção 1, p. 07.

_____. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>. Acesso em: 17 jan. 2015.

_____. Decreto de nº 82.590, de 06 de novembro de 1978. Regulamenta a Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de técnico de Arquivo. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D82590.htm>. Acesso em: 17 jan. 2015.

_____. Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. CONARQ. Legislação Arquivística. Disponível em <<http://www.arquivonacional.gov.br>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

_____. Lei nº 3.835, de 13 de dezembro de 1960. Federaliza a universidade da Paraíba, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-3835-13-dezembro-1960-354392-norma-pl.html>>. Acesso em: 17dez. 2014.

CÂMARA, R. H. **Análise de conteúdo**: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013.

CAVALCANTI, C. R.O.; CUNHA, M. B. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Editora Briquet de Lemos/Livros, 2008.

CENSO, I. B. G. E. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Proporção de pessoas por nível de instrução 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=1,-2,48,128&ind=4699>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. Cursos de Arquivologia no Brasil. Disponível em:

<<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=183&sid=65>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

COPERVE. Resultados dos processos seletivos seriados da UFPB. Disponível em: <<http://www.coperve.ufpb.br/>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

CPCON. Vestibulares realizados da UEPB. Disponível em: <<http://cpcon.uepb.edu.br/vestib.htm#>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

DIAS, A. A. R. **Ética profissional e terapêutica da fala**. 2011. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/22234>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília, 2ª edição; Líber Livro Editora, 2005.

FERREIRA, F.; BARROS, S.; NASCIMENTO, L. et al. Políticas de formação de profissionais da informação e competências essenciais. In: **Encontro da Ciência da Informação**, V. Salvador, junho 2004. Disponível em: <www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/FlaviaSusaneRicardoLucyana.pdf> Acesso em: 06 nov. 2014.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, p. 20-29, 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

MARQUES, A. A. C.; RODRIGUES, G.M. A **Construção do “Campo Científico” da Arquivística no Brasil**: Debates Iniciais e Marcos Temporais. *Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)*, v.1 n.1, p.101-117, jan./jun. 2008.

MENDES, A. M. O diálogo psicodinâmica, ergonomia, psicometria. **Psicodinâmica do Trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 89-110, 2007.

MENDES, D. S. O perfil profissional dos egressos do curso de arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba. 2014.

PERRUSI, **As Tirantias da Identidade: profissão e crise identitária entre psiquiatras**. 2003. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado–Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PONTE, C.F. **Médicos, psicanalistas e loucos**: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil. 1999. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Saúde Pública) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portalteses.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_cover&id=000080&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 nov. 2014.

PORTO, J. C. G. **O PODER DA AUTONOMIA FINANCEIRA NA GESTÃO PÚBLICA: Indicadores de Produção na Livraria na UEPB.** 2012. <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/3161/1/PDF%20-%20J%C3%BAlio%20C%C3%A9zar%20Gon%C3%A7alves%20Porto.pdf>>.

RESOLUÇÃOUEPB/CONSUNI/010/2006 de 29 de março de 2006. Cria o curso de Bacharelado em Arquivologia no campus v da UEPB em João Pessoa-PB, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/44316243/doepb-12-05-2006-pg-10>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

RISTOFF, D. A trajetória da mulher na educação brasileira. **INEP**, Brasília, 10 mar. 2006. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/imprensa/entrevistas/trajetoria_mulher.htm>. Acesso em: 17 dez. 2014.

ROSA, T.; URBANETTO, R. P. **Atitudes dos profissionais da arquivologia em relação às qualidades consideradas fundamentais: um momento de olhada no reflexo do espelho.** 2010, Disponível em: <http://apalopez.info/ivcoindear/43urbanetto_txt.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2014.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. - São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, K. I. M. **Arquivista, visibilidade profissional: formação, associativismo e mercado de trabalho –** Brasília: Starprint, 2011.

TAKAHASHI, T. (org.). **Sociedade da informação no Brasil: livro verde.** Brasília, DF: Ministério de Ciência e Tecnologia, 2000.

TAVARES, D. W. S. **A miopia do olhar: representações sociais dos alunos de Arquivologia e Biblioteconomia da UFPB a respeito do curso de Arquivologia e da profissão arquivística.** João Pessoa: O Autor, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA. Aprova o Projeto Político-pedagógico do Curso de Graduação em Arquivologia, na modalidade Bacharelado. Resolução nº 42 de 17 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/2008/Rsep42_2008.htm>. Acesso em: 22 dez. de 2014.

_____. INFORMATIVO Nº 039/2008 de 02 de setembro de 2008. Retificação do EDITAL Nº 034/2008 UFPB/PRG/COPERVE. Disponível em: <download.uol.com.br/vestibular2/edital/ufpb_reuni2009.doc>. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. Histórico. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/content/hist%C3%B3rico>>. Acesso em: 22 de dez. 2014.

_____. **Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Arquivologia.** João Pessoa, 2008.

_____. Resolução 42/08/CONSEPE/UFPB. Aprova o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em Arquivologia. Disponível em: <http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/2008/Rsep42_2008.htm>. Acesso em: 05 jan. 2015.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Projeto Político Pedagógico (PPP), Arquivologia. Disponível em:< <http://arquivologiauepb.com.br>> Acesso em: 10 dez.2014.

VALENTIM, M. L. P. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: _____. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 117-132.

_____. Cursos de graduação e técnico. Disponível em: <<http://www.uepb.edu.br/cursos-de-graduacao>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

VARGAS, G. M. Perfil do Arquivista atuante em empresas privadas do Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/node/396>>. Acesso em: 24 jan. 2015.

APÊNDICE A - Questionário aplicado aos egressos da UEPB e UFPB

Figura 1: Imagem do questionário online enviado aos egressos de Arquivologia da UEPB e UFPB

Cópia de Pesquisa TCC ☆

Arquivo
Editar
Visualizar
Inserir
Respostas (0)
Ferramentas
Complementos
Ajuda

Enviar formulário

Editar perguntas
Alterar tema
Ver respostas
Ver formulário publicado

Página 1 de 1

Pesquisa com Egressos de Arquivologia da UEPB e UFPB

Prezado(a) Sr(a),

Este questionário destina-se à coleta de dados para o TCC intitulado: Trajetórias profissionais dos egressos formados no curso de graduação em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus V e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I. A pesquisa, sob a orientação do Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves, tem como objetivo (re)construir a trajetória dos egressos do curso de Arquivologia da UEPB e UFPB, gerando um quadro do perfil e da inserção desses profissionais, no período de 2009-2014. O questionário conta com questões objetivas e abertas, e será enviado para todos os egressos do referido período.

Informo-lhes que esta coleta de dados tem o caráter eminentemente de subsídio à pesquisa acadêmica, não sendo, portanto, nenhum tipo de avaliação, resguardando-se, também, o anonimato dos participantes.

Conto com sua participação, pois a mesma é vital para o desenvolvimento da pesquisa.

Desde já agradeço pela colaboração.

Lígia Santos de Oliveira.
ligiasoliver@gmail.com

Idade*

Digite sua idade em anos completos

Instituição de ensino*

Cursou Arquivologia em qual instituição?

☐ UEPB
☐ UFPB

Como você se define em relação à raça e etnia?

☐ Amarelo
☐ Branco
☐ Indígena
☐ Negro
☐ Pardo
☐ Sem definição
☐ Outro:

Estado civil*

☐ Solteiro
☐ Casado
☐ Divorciado
☐ Separado
☐ União estável
☐ Outro:

Local de nascimento*

(Cidade, Estado)

Local de residência atual*
(Cidade, Estado)

Onde cursou o ensino médio*

☐ Escola pública

☐ Escola privada

☐ Ambas

Ano em que ingressou no curso de Arquivologia*
Informe também o período. Exemplo: 2010.1

Ano em que concluiu o curso de Arquivologia*
Informe também o período. Exemplo: 2010.1

Durante o curso você trabalhava? *
Sim ou não? - (Se "sim" em quê?)

Se você possui pós-graduação, qual o tipo, área, ano de conclusão e instituição? *
(Especialização, Mestrado, Doutorado)

Qual sua renda mensal atual?

☐ Menos de 1 salário mínimo

☐ De 1 a 4 salários mínimos

☐ De 4 a 8 salários mínimos

☐ De 8 a 10 salários mínimos

☐ Mais de 10 salários mínimos

Após a conclusão do curso quanto tempo levou para você se inserir no mercado de trabalho de Arquivologia?*

☐ Conclui já trabalhando na área

☐ Menos de 1 ano

☐ 1 ano

☐ 2 anos

☐ 3 anos

☐ 4 anos

☐ Não consegui uma colocação na área

Atualmente você se encontra trabalhando?
Sim ou Não - (Se "Sim", em quê? Se "Não", por quê?)

Aponte três motivos que o (a) levaram a cursar Arquivologia.*

Cite as três maiores dificuldades por você encontradas para conseguir um espaço no mercado de trabalho de Arquivologia?

Está satisfeito com a profissão escolhida? Justifique sua resposta.*

Adicionar Item ▼

Página de confirmação

Fonte: Elaborado pelos autores através do Google Drive.